

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

PORTUGAL, Alpoim Alves
A Nova Doutora da Igreja

JOÃO PAULO II
Anúncio solene do Doutoramento
Divini Amoris Scientia
Uma Doutora: mulher, jovem, contemplativa
Discurso aos Peregrinos

SUPERIORES GERAIS O.CARME OCD
Uma Doutora para o Terceiro Milénio
Quem são os «Doutores» da Igreja?

LEAL, Agostinho dos Reis
Os que amaram e seguiram Teresa

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

A Nova Doutora da Igreja 3

JOÃO PAULO II

Anúncio solene do Doutoramento 7

Divini Amoris Scientia 9

Uma Doutora: mulher, jovem, contemplativa 25

Discurso aos Peregrinos 31

SUPERIORES GERAIS O.CARM E OCD

Uma Doutora para o Terceiro Milénio 35

Quem são os «Doutores» da Igreja 55

AGOSTINHO DOS REIS LEAL

Os que amaram e seguiram Teresa 59

NÚMERO 21

Janeiro - Março 1998

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade
4630 AVESSADAS
☎ 055.534207 – Fax 534289

Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Mário da Glória Vaz
P. Pedro Lourenço Ferreira

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
2780 PAÇO DE ARCOS
☎ – Fax 01.4433706

Inscr. S.R.I.P.D.G.C.S. Nº 121035

Assinatura Anual (1998)	2.900\$00
Espanha	Ptas 2.800
Estrangeiro	USA \$ 35
Número avulso	850\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

A NOVA DOUTORA DA IGREJA

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Não é fácil chegar a este «doutoramento eclesial»*. A corrida de Teresa de Lisieux teve etapas muito árduas, e não poucos obstáculos a vencer.

Foi beatificada em 1923. Canonizada em 1925. Foi Pio XI o grande protagonista; ele chamava-lhe «a estrela do seu pontificado» e classificou-a como «a maior santa dos tempos modernos»; proclamou-a «padroeira das missões católicas».

Neste clima de admiração, logo de seguida, Pio XI declarou «Doutor da Igreja» aquele que fora mestre espiritual de Teresinha, S. João da Cruz, em 1926.

Em 1932 realiza-se um congresso Internacional em Lisieux, por altura da inauguração da cripta da Basílica de Santa Teresinha, onde um dos congressistas expõe o tema: «Santa Teresa de Lisieux, Doutora da Igreja». A proposta é acolhida por todos. Surge uma grande lista de assinaturas a pedir ao Papa o acto oficial da proclamação; uma única objecção: «impede-o a sua condição de mulher». Também lhe foi pedido que concedesse este título a Santa Teresa de Jesus, a de Ávila, mas em vão: contudo acrescentou uma aclaração que deixava o assunto à consideração dos seus sucessores.

Em 1970, no dia 30 de Setembro, Paulo VI proclamava Santa Teresa de Ávila a primeira mulher «Doutora da Igreja», removendo

* Condensado de *Orar*, nº 109, Editorial «Monte Carmelo» (Burgos 1997).

assim o obstáculo da condição feminina. Ficava aberto o caminho do doutoramento de Teresinha.

No centenário do nascimento de Teresa, 1973, o cardeal Garrone abre de novo o pedido; e em 1981 o Presidente da Conferência episcopal francesa faz também um pedido oficial ao Papa: «Com os seus escritos, traduzidos num número grande de linguas e espalhados por todo o mundo, Teresa de Lisieux contribuiu, e continua ainda hoje, a fazer conhecer melhor e a viver uma sólida doutrina espiritual centrada no Evangelho...».

Dez anos depois, 1991, o Capítulo Geral dos Carmelitas Descalços enviava ao Papa uma nova súplica, em nome de todo o Carmelo e reiterada pela Assembleia plenária dos Bispos de França.

Finalmente, em Fevereiro de 1997, os bispos de Lisieux, Mons. Pican e Guy Gaucher, faziam chegar ao papa a súplica decisiva que concluía com esta razão: «Declarar Teresa Doutora, não é colocar uma coroa de glória sobre o passado, mas antes, abrir uma porta de esperança para o futuro...».

E no dia 20 de Agosto de 1997, em Paris, diante de uma milhão de jovens, João Paulo II dá a grande notícia que viria a concretizar-se em 19 de Outubro de 1997, na Praça da Basílica de S. Pedro em Roma.

Alguma vez Teresinha imaginou ser «doutora»?

Tal como nós concebemos este título certamente que nem lhe passou pela cabeça; porém deixou-nos umas palavras que são um verdadeiro presságio ou soam a profecia: «Sinto a vocação de Doutor». Assim o escreveu, sem qualquer tipo de linguagem simbólica, com toda a claridade e com todas as letras, na *História de uma Alma* (B 2v-3r), precisamente ao falar da sua vocação e ao tentar concretizá-la, e ao identificar os seus carismas pessoais entre os que S. Paulo enumera na carta aos Coríntios (*ICor* 12-13).

«Sinto a vocação de Guerreiro, de Sacerdote, de Apóstolo, de Doutor, de Mártir... Apesar da minha pequenez, quereria esclarecer as almas como os Profetas, os Doutores... Tenho a vocação de ser Apóstolo... Quereria percorrer a terra, pregar o teu nome, implantar no solo infiel a tua cruz gloriosa... Quereria, ao mesmo tempo, anunciar o

Evangelho nas cinco partes do mundo, e até nas ilhas mais longínquas...» (B 3r).

Já na enfermaria, poucos dias antes de morrer, Teresa chega à convicção de que os seus *Manuscritos* – a futura *História de uma Alma* – estariam destinados a desempenhar uma função especial na Igreja. É então quando pressente que a sua verdadeira missão de mestra e doutora do espírito irá começar. E começou.

Desde o passado dia 19 de Outubro já não temos quaisquer dúvidas sobre a sublimidade da sua doutrina. Antes da oração do *Angelus*, naquele dia, aos cerca de mil professores dos nove ateneus pontifícios de Roma e a todos os peregrinos, João Paulo II afirmava: «Caríssimos, a lição que a pequena Teresa oferece ao povo cristão é particularmente eloquente para as nossas universidades pontifícias. Quem é chamado a ensinar, cultive a confiança quotidiana em Deus, própria dos pequenos e dos humildes».

Com a pequena Teresa, a Igreja, que olha já para o Terceiro Milénio, é jovem e cheira a rosas.

Com este número da *Revista de Espiritualidade* queremos dar, a todos os leitores e aos devotos de Santa Teresinha do Menino Jesus, a oportunidade de ter à mão, e conhecer, os textos oficiais relativos ao acto do seu Doutoramento. Assim, apresentamos os textos pronunciados pelo Santo Padre João Paulo II, bem como o conteúdo da Carta que os Superiores Gerais da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços dirigiram a toda a Ordem por ocasião do mesmo acontecimento. Finalmente, o Pe. Agostinho Leal, Superior Provincial da Ordem em Portugal, faz um apanhado muito abreviado de alguns dos testemunhos que fazem parte da *Posotio* que foi elaborada para o Doutoramento.

«Vindo ao encontro dos desejos de um grande número de Irmãos no Episcopado e de muitíssimos fiéis do mundo inteiro, ouvido o parecer da Congregação para as Causas dos Santos e obtido o voto da Congregação para a Doutrina da Fé naquilo que concerne à eminente doutrina, com conhecimento certo e ponderada deliberação, em virtude da plena autoridade apostólica, declaramos Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, virgem, Doutora da Igreja universal. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo».

ANÚNCIO SOLENE

DO DOUTORAMENTO *

1. Ao concluir esta Jornada Mundial da Juventude em França, desejo evocar a grande figura de Santa Teresa de Lisieux, nascida há cem anos para a Vida eterna.

Esta jovem carmelita doou-se totalmente ao amor de Deus. Viveu radicalmente o seu oferecimento como resposta a este Amor. Na simplicidade da sua vida quotidiana, soube também praticar o amor fraterno. E, imitando a Jesus, aceitou sentar-se «à mesa dos pecadores» seus «irmãos», para que fossem purificados pelo amor, pois animava-a um ardente desejo de ver todos os homens «iluminados pelo resplandecente facho da fé» (*Ms C 6r*).

Teresa experimentou o sofrimento no seu corpo e nas provações da fé. Mas permaneceu fiel porque, na sua grande inteligência espiritual, sabia que Deus é justo e misericordioso. Compreendia que o amor vem mais de Deus do que do homem. E, até à morte, pôs a sua confiança em Jesus, o Servo sofredor que ofereceu a Sua vida em resgate pela multidão (cf. *Is 53, 12*).

2. Teresa nunca abandonou o livro dos Evangelhos (cf. *Ct 193*). Entende perfeitamente a sua mensagem. Compreende que na vida de

* João Paulo II, *Alocução mariana* no final da Missa no Hipódromo de «Longchamp» e antes do Angelus (24 de Agosto de 1997).

Deus Pai, Filho e Espírito Santo, «o amor e a fidelidade se encontram» (*Sl* 85/84, 11). Em poucos anos faz «uma corrida de gigante» (*Ms A* 44v). Descobre que a sua vocação é ser, no coração da Igreja, o amor. Teresa, humilde e pobre, traça o «pequeno caminho» dos filhos que se dirigem ao Pai com uma «confiança audaz». E agora o núcleo da sua mensagem, a sua atitude espiritual, é proposto a todos os fiéis.

A doutrina de Teresa, verdadeira ciência do amor, é a expressão luminosa do seu conhecimento do mistério de Cristo e da sua experiência pessoal da graça. Ela ajuda os homens e as mulheres de hoje, e também os de amanhã, a conhecer melhor os dons de Deus e a anunciar a Boa Nova do seu Amor infinito.

3. Carmelita e apóstolo, mestra de sabedoria espiritual para numerosas pessoas consagradas e leigas, padroeira das Missões, Santa Teresa de Lisieux ocupa um lugar de primeira ordem na Igreja. A sua eminente doutrina merece ser lembrada entre as mais fecundas.

Por isso, respondendo a inúmeros pedidos, e depois de aturadas investigações, tenho a alegria de vos anunciar que, no próximo dia 19 de Outubro de 1997, Domingo das Missões, na Basílica de S. Pedro em Roma, **proclamarei Santa Teresa de Menino Jesus e da Santa Face, Doutora da Igreja.**

Quis anunciar solenemente este acontecimento – perante um milhão de jovens vindos de todo o mundo – porque a mensagem desta jovem santa, tão presente no nosso tempo, fala-vos particularmente a vós, os jovens: na escola do Evangelho, ela mostra-vos o caminho da maturidade cristã; chama-vos a uma generosidade infinita; e convida-vos a ser no «coração da Igreja» de hoje, discípulos e testemunhas ardentes do amor de Cristo.

Invoquemos, pois, Santa Teresa de Liseux para que conduza os homens e as mulheres deste tempo pelo caminho da Verdade e da Vida.

E com Teresa, dirigamo-nos à Virgem Maria, a quem ela tanto louvou e rezou, com filial confiança, ao longo de toda a sua vida.

DIVINI AMORIS SCIENTIA

Carta Apostólica de sua Santidade João Paulo II, «*Divini Amoris Scientia*». Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face é declarada Doutora da Igreja universal.

JOÃO PAULO II

1. A CIÊNCIA DO AMOR DIVINO, que o Pai das misericórdias infunde por Jesus Cristo no Espírito Santo, é um dom concedido aos pequeninos e aos humildes, para que conheçam e proclamem os segredos do Reino, escondidos aos inteligentes e aos sábios; por isso, Jesus exultou no Espírito Santo, dando louvores ao Pai, porque isso foi do Seu agrado (cf. *Lc* 10, 21-22; *Mt* 11, 25-26).

Alegra-se também a Mãe Igreja ao constatar como, no decorrer da história, o Senhor continua a revelar-se aos pequeninos e aos humildes, habilitando os seus eleitos, por meio do Espírito que «tudo penetra até às profundezas de Deus» (*1Cor* 2, 10), a falar das coisas «que Deus nos concedeu..., não com palavras doutas, de sabedoria humana, mas com aquelas que o Espírito ensina e que exprimem as coisas espirituais em termos espirituais» (*1Cor* 2, 12-13). Deste modo, o Espírito Santo guia a Igreja para a verdade total, concede-lhe diversos dons, enriquece-a com os seus frutos, rejuvenesce-a com a força do Evangelho e torna-a capaz de perscrutar os sinais dos tempos, para responder sempre melhor à vontade de Deus (cf. *Lumen Gentium*, 4 e 12; *Gaudium et Spes*, 4).

Entre os pequeninos, aos quais se manifestaram, duma maneira muito especial, os segredos do Reino, resplandece Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, monja professa da Ordem das Carmelitas Descalças, cujo centenário da entrada na pátria celeste se celebra neste ano.

Durante a sua vida, Teresa descobriu «luzes novas, sentidos escondidos e misteriosos» (*Ms A*, 83v) e recebeu do Mestre divino aquela «ciência do amor» que, depois, manifestou com particular originalidade nos seus escritos (cf. *Ms B*, 1r). Essa ciência é a expressão luminosa do seu conhecimento do mistério do Reino e da sua experiência pessoal da graça. Esta pode ser considerada como um carisma particular de sabedoria evangélica que Teresa, como outros Santos e Mestres da fé, hauriu na oração (cf. *Ms C*, 36r).

2. Rápido, universal e constante foi o acolhimento do exemplo da sua vida e da sua doutrina evangélica no nosso século. Quase à imitação da sua precoce maturação espiritual, a sua santidade foi reconhecida pela Igreja no espaço de poucos anos. Com efeito, a 10 de Junho de 1914, Pio X assinava o decreto de introdução da causa de beatificação; a 14 de Agosto de 1921, Bento XV declarava a heroicidade das virtudes da Serva de Deus, pronunciando nessa ocasião um discurso sobre o caminho da infância espiritual; e Pio XI proclamava-a Beata a 29 de Abril de 1923. Pouco mais tarde, no dia 17 de Maio de 1925, o mesmo Papa, diante de uma imensa multidão, canonizava-a na Basílica de S. Pedro, pondo em evidência o esplendor das suas virtudes e a originalidade da sua doutrina. Dois anos depois, a 14 de Dezembro de 1927, acolhendo o pedido de muitos Bispos missionários, proclamava-a, juntamente com S. Francisco Xavier, Padroeira das Missões.

Doravante, a irradiação espiritual de Teresa do Menino Jesus cresceu na Igreja e dilatou-se pelo mundo inteiro. Muitos institutos de vida consagrada e movimentos eclesiais, especialmente nas jovens Igrejas, escolheram-na como padroeira e mestra, inspirando-se na sua doutrina espiritual. A sua mensagem, muitas vezes sintetizada no chamado «pequeno caminho», que não é outro senão o caminho evangélico da santidade para todos, foi objecto de estudo por parte de teólogos e estudiosos da espiritualidade. Por todo o mundo, e sob o patrocínio da Santa de Lisieux, construíram-se e dedicaram-se ao Senhor, catedrais, basílicas, santuários e igrejas. O seu culto é celebrado pela Igreja Católica nos diversos ritos do Oriente e do Ocidente. Muitos fiéis puderam

experimentar a força da sua intercessão. Outros, chamados ao ministério sacerdotal ou à vida consagrada, especialmente nas missões e na clausura, atribuem a graça divina da sua vocação à sua intercessão e ao seu exemplo.

3. Os Pastores da Igreja, a começar pelos meus predecessores, os Sumos Pontífices deste século, que propuseram a sua santidade como exemplo para todos, puseram também em relevo que Teresa é mestra de vida espiritual, mediante uma doutrina, ao mesmo tempo simples e profunda, que ela bebeu nas fontes do Evangelho guiada pelo Mestre divino e, depois, comunicou aos irmãos e irmãs na Igreja com grande eficácia (cf. *Ms B*, 2v-3r).

Esta doutrina espiritual foi-nos transmitida sobretudo pela sua autobiografia, isto é, os três manuscritos redigidos nos últimos anos da sua vida e publicados um ano depois da sua morte com o título *História de uma alma* (Lisieux 1898), suscitou um extraordinário interesse até aos nossos dias. Esta autobiografia, traduzida com os demais escritos em cerca de cinquenta línguas, fez com que Teresa fosse conhecida em todas as regiões do mundo, mesmo fora da Igreja católica. Após um século da sua morte, Teresa do Menino Jesus continua a ser reconhecida como uma das grandes mestras de vida espiritual do nosso tempo.

4. Por isso, não é de admirar que tenham sido apresentados tantos pedidos à Sé Apostólica, a fim de que lhe fosse atribuído o título de Doutora da Igreja universal.

Há uns anos a esta parte, e de modo especial ao aproximar-se a jubilosa celebração do primeiro centenário da sua morte, esses pedidos, vindos também das Conferências Episcopais, foram sendo cada vez mais numerosos. Além disso, realizaram-se congressos de estudo e multiplicaram-se as publicações que realçam a extraordinária sabedoria de Teresa do Menino Jesus e como ela, com a sua doutrina, ajuda tantos homens e mulheres de todas as condições a conhecerem e amarem Jesus Cristo e o seu Evangelho.

À luz destes dados, ordenei que se estudasse atentamente se a Santa de Lisieux possuía os requisitos exigidos para lhe poder ser atribuído o título de Doutora da Igreja universal.

5. Neste contexto, aprez-me recordar brevemente alguns momentos da vida de Teresa do Menino Jesus. Nasce em Alençon, França, a 2 de

Janeiro de 1873. É batizada dois dias mais tarde na igreja de Notre-Dame, com o nome de Maria Francisca Teresa. Os seus pais são Luís Martin e Zélia Guérin, cujas virtudes heróicas reconheci recentemente. Depois da morte da mãe, ocorrida a 28 de Agosto de 1877, Teresa muda-se com toda a família para a cidade de Lisieux onde, rodeada do afecto do pai e das irmãs, recebe uma formação ao mesmo tempo exigente e repleta de ternura.

Quase a terminar o ano de 1879 aproxima-se pela primeira vez do sacramento da penitência. No dia de Pentecostes de 1883, por intercessão de Nossa Senhora das Vitórias, recebe a graça singular da cura de uma grave doença. Educada pelas beneditinas de Lisieux, recebe a primeira Comunhão a 8 de Maio de 1884, depois de uma intensa preparação, coroada por uma singular graça da união íntima com Jesus. Algumas semanas depois, no dia 14 de Junho do mesmo ano, recebe o sacramento do Crisma, com viva consciência daquilo que comporta o dom do Espírito Santo na pessoal participação na graça do Pentecostes. No Natal de 1886 vive uma experiência espiritual muito profunda, que qualifica de «completa conversão». Graças a ela, supera a fragilidade emotiva, consequência da perda da mãe, e começa «uma corrida de gigante» no caminho da perfeição (cf. *Ms A*, 44v-45v).

Teresa deseja abraçar a vida contemplativa no Carmelo de Lisieux, tal como as suas irmãs Paulina e Maria, mas vê-se impedida por ainda não ter idade. Por ocasião de uma peregrinação à Itália, depois de ter visitado a Santa Casa de Loreto e os lugares da Cidade eterna, na audiência concedida pelo Papa aos fiéis da diocese de Lisieux, no dia 20 de Novembro de 1887, com filial audácia, pede a Leão XIII a licença para entrar no Carmelo com 15 anos de idade.

No dia 9 de Abril de 1888 entra no Carmelo de Lisieux onde, a 10 de Janeiro do ano seguinte, recebe o hábito da Ordem de Nossa Senhora e, no dia 8 de Setembro de 1890, festa da Natividade da Virgem Maria, emite a sua profissão religiosa. No Carmelo, com verdadeiro fervor e fidelidade, inicia o caminho de perfeição traçado pela Madre Fundadora, Teresa de Jesus, cumprindo os variados ofícios comunitários que lhe são confiados. Iluminada pela Palavra de Deus, provada de modo particular pela doença do seu querido pai, Luís Martin, que morre a 29 de Julho de 1894, Teresa caminha para a santidade insistindo na centralidade do amor. Descobre e ensina às

noviças, confiadas aos seus cuidados, o pequeno caminho da infância espiritual. Por ele, penetra cada vez mais no mistério da Igreja. Atraída pelo amor de Cristo, sente crescer em si a vocação apostólica e missionária pela qual quer atrair muitos consigo para o encontro com o Esposo divino.

No dia 9 de Julho de 1895, na solenidade da Santíssima Trindade, oferece-se como vítima de holocausto ao Amor misericordioso de Deus. A 3 de Abril do ano seguinte, na noite de Quinta para Sexta-feira Santa, sente a primeira manifestação da doença que a levará à morte. Teresa acolhe-a como a misteriosa visita do Esposo divino. Ao mesmo tempo entra na prova da fé que durará até à morte. Tendo-se agravado o seu estado de saúde, é transferida para a enfermaria no dia 8 de Julho de 1897. As suas irmãs e algumas outras religiosas vão escrevendo as suas palavras, enquanto os seus sofrimentos e provações, suportados com paciência, se intensificam até culminarem com a morte na tarde de 30 de Setembro de 1897. «Eu não morro, entro na vida», tinha escrito ela a um dos seus irmãos espirituais, o Padre Bellière (*Ct* 244). As suas últimas palavras – «Meu Deus... Amo-Vos!» – são o segredo da sua vida.

6. Os escritos que Teresa do Menino Jesus nos deixou mereceram-lhe bem a qualificação de mestra de vida espiritual. A sua obra principal continua a ser a narração da sua vida nos três manuscritos autobiográficos (*Manuscritos Autobiográficos A, B e C*), publicados, no princípio, com o título *História de uma Alma* que, rapidamente, se tornou famoso.

No Manuscrito A, escrito a pedido da irmã Inês de Jesus, então, Priora do mosteiro, e a ela entregue a 21 de Janeiro de 1896, Teresa descreve as etapas da sua experiência religiosa: os primeiros anos da infância, especialmente o dia da sua primeira Comunhão e do Crisma, a adolescência, a sua entrada no Carmelo e a primeira profissão.

O Manuscrito B, escrito durante o retiro espiritual desse mesmo ano a pedido da sua irmã, Maria do Sagrado Coração, contém algumas das páginas mais belas, mais conhecidas e citadas da Santa de Lisieux. Aí se manifesta a plena maturidade da Santa que fala da sua vocação na Igreja, Esposa de Cristo e Mãe das almas.

O Manuscrito C, escrito no mês de Junho e nos primeiros dias de Julho de 1897, a poucos meses da sua morte, e dedicado à Priora

Maria de Gonzaga, por lho ter pedido, completa as recordações do Manuscrito A sobre a vida no Carmelo. Estas páginas revelam a sabedoria sobrenatural da autora. Desta última etapa da sua vida, Teresa traça algumas experiências sublimes. Dedicar páginas comoventes à prova da fé: uma graça de purificação que a imerge numa longa e dolorosa noite escura, que se ilumina pela sua confiança no amor misericordioso e paterno de Deus. Uma vez mais, e sem se repetir, Teresa faz brilhar a luz cintilante do Evangelho. Encontramos aqui as páginas mais belas dedicadas ao confiante abandono nas mãos de Deus, à unidade entre o amor de Deus e o amor do próximo, à sua vocação missionária na Igreja.

Nestes três diferentes manuscritos, que coincidem numa unidade temática e numa progressiva descrição da sua vida e do seu caminho espiritual, Teresa deixou-nos uma autobiografia original, que é a história da sua alma. Nela transparece como a sua vida foi uma mensagem clara que Deus ofereceu ao mundo, indicando um caminho evangélico, o «pequeno caminho», que todos podem percorrer, porque todos são chamados à santidade.

Nas 266 *Cartas* que conservamos, dirigidas aos familiares, às religiosas, aos «irmãos» missionários, Teresa comunica a sua sabedoria, desenvolvendo uma doutrina que constitui verdadeiramente um profundo exercício de direção espiritual das almas.

Também fazem parte dos seus escritos 54 *Poesias*, algumas das quais de grande dimensão teológica e espiritual, inspiradas na Sagrada Escritura. Entre elas merece uma menção especial *Viver de Amor!*... (P 17) e *Porque te amo, ó Maria!* (P 54), síntese original do caminho percorrido pela Virgem Maria, segundo o Evangelho. Devem acrescentar-se ainda 8 *Recreações piedosas*: composições poéticas e teatrais, idealizadas e representadas pela Santa para a sua comunidade, por ocasião de algumas festas, segundo a tradição do Carmelo. Entre os outros escritos inclui-se uma série de 21 *Orações*. Também não se pode esquecer a recolha das palavras pronunciadas durante os últimos meses de sua vida. Essas palavras, das quais se conservam várias redacções, são conhecidas como *Novíssima Verba*, ou *Últimos Conselhos e Recordações*.

7. Do estudo atento dos escritos de Santa Teresa do Menino Jesus e da ressonância que tiveram na Igreja, podem-se recolher os

aspectos mais importantes da «eminente doutrina», que constitui o elemento fundamental para a atribuição do título de Doutora da Igreja.

Em primeiro lugar, a existência de um *particular carisma de sabedoria*. Esta jovem Carmelita, de facto, sem uma especial preparação teológica, mas iluminada pela luz do Evangelho, sente-se instruída pelo Mestre divino que, como ela diz, é o «Doutor dos Doutores» (*Ms A*, 83v), de quem recebe os «ensinamentos divinos» (*Ms B*, 1r). Sente que se realizaram nela as palavras da Escritura: «Se alguém é pequeno, venha a Mim...; a misericórdia é concedida aos pequenos» (*Ms B*, 1v; cf. *Pr* 9, 4 e *Sab* 6, 6) e sabe que foi instruída na ciência do amor, escondida aos sábios e aos entendidos, que o divino Mestre se dignou revelar-lhe, como aos pequeninos (*Ms A*, 49r; cf. *Lc* 10, 21-22).

Pio XI, que considerou Teresa de Lisieux como a «Estrela do seu pontificado», não hesitou em afirmar na homilia do dia da sua Canonização, a 17 de Maio de 1925: «... o Espírito da Verdade mostrou-lhe e ensinou o que habitualmente esconde aos sábios e aos prudentes, mas revela aos simples. Ela adquiriu uma tal ciência das coisas sobrenaturais que pôde traçar para os outros um caminho certo de salvação» (*AAS* 17 [1925], pág. 213).

A sua doutrina não está apenas conforme à Sagrada Escritura e à fé católica, mas sobressai («eminent») também pela *profundidade e síntese sapiencial alcançada*. A sua doutrina é ao mesmo tempo uma confissão da fé da Igreja, uma experiência do mistério cristão e um caminho para a santidade. Teresa oferece uma síntese amadurecida da espiritualidade cristã; une a teologia e a vida espiritual, exprime-se com vigor e autoridade, com grande capacidade de persuasão e de comunicação, como demonstram o acolhimento e a difusão da sua mensagem no Povo de Deus.

A doutrina de Teresa exprime com coerência e une num conjunto harmonioso os dogmas da fé cristã como doutrina de verdade e experiência de vida. Por isso, não se deve esquecer que a compreensão do depósito da fé, transmitido pelos Apóstolos, como ensina o Vaticano II, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo: «com efeito, progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da contemplação e estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cf. *Lc* 2, 19. 51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a

sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade» (*Dei Verbum*, 8).

Nos escritos de Teresa de Lisieux não encontramos talvez, como noutros Doutores, uma apresentação cientificamente elaborada das coisas de Deus, mas podemos vislumbrar um esclarecido testemunho da fé que, enquanto acolhe com amor confiante a condescendência misericordiosa de Deus e a salvação em Cristo, revela o mistério e a santidade da Igreja.

Com razão, portanto, pode-se reconhecer na Santa de Lisieux o carisma de Doutora da Igreja, quer pelo dom do Espírito Santo que ela recebeu para viver e manifestar a sua experiência de fé, quer pela particular compreensão do mistério de Cristo. Nela convergem os dons da lei nova, isto é, a graça do Espírito Santo que Se manifesta na fé viva operante por meio da caridade (cf. S. Tomás de Aquino, *Summa Theol.* I-II, q. 106, art. 1; q. 108, art. 1).

Podemos aplicar a Teresa de Lisieux tudo quanto disse o meu predecessor Paulo VI a respeito de outra jovem Santa, Doutora da Igreja, Catarina de Sena: «O que mais impressiona na Santa é a sabedoria infusa, isto é, a lúcida, profunda e inebriante assimilação das verdades divinas e dos mistérios da fé (...): uma assimilação favorecida, sim, por dotes naturais singularíssimos, mas evidentemente prodigiosa, graças a um carisma de sabedoria do Espírito Santo» (AAS 62 (1970), pág. 675).

8. Com a sua peculiar doutrina e o seu estilo inconfundível, Teresa aparece como uma *autêntica mestra da fé e da vida cristã*. Através dos seus escritos, como através das afirmações dos Santos Padres, passa aquela linfa vivificante da tradição católica cujas riquezas, como afirma ainda o Vaticano II, «entram na prática e na vida da igreja crente e orante» (*Dei Verbum*, 8).

A doutrina de Teresa de Lisieux, se aceite no seu género literário, corresponde à sua educação e à sua cultura, e se medida com as particulares circunstâncias da sua época, aparece numa providencial unidade com a mais genuína tradição da Igreja, quer pela confissão da fé católica quer pela promoção da mais autêntica vida espiritual, proposta a todos os fiéis numa linguagem viva e acessível.

Ela fez resplandecer no nosso tempo o fascínio do Evangelho; teve a missão de fazer conhecer e amar a Igreja, Corpo místico de

Cristo; ajudou a curar as almas do rigorismo e do medo da doutrina jansenista, inclinada a sublinhar mais a justiça de Deus do que a sua misericórdia divina. Contemplou e adorou, na misericórdia de Deus, todas as perfeições divinas, porque «até mesmo a justiça de Deus (e talvez mais do que qualquer outra perfeição) me parece revestida de amor» (*Ms A*, 83v). Deste modo, tornou-se num ícone vivo daquele Deus que, segundo a oração da Igreja, «mostra o Seu poder sobretudo no perdão e na misericórdia» (cf. *Missal Romano, Oração XXVI Domingo do Tempo Comum*).

Ainda que Teresa não apresente um verdadeiro e próprio corpo doutrinal, contudo, *particulares fulgores de doutrina* derivam dos seus escritos que, como por um carisma do Espírito Santo, captam o núcleo da mensagem da revelação numa visão original e inédita, apresentando uma doutrina qualitativamente eminente.

O núcleo da sua mensagem, com efeito, é o próprio mistério de Deus Amor, de Deus Trindade, infinitamente perfeito em Si mesmo. Se a genuína experiência espiritual cristã deve coincidir com as verdades reveladas, nas quais Deus Se comunica a Si mesmo e dá a conhecer o mistério da Sua vontade (cf. *Dei Verbum*, 2), é necessário afirmar que Teresa fez experiência da revelação divina, chegando a contemplar as realidades fundamentais da nossa fé unidas no mistério da vida trinitária. No cimo, como fonte e termo, o amor misericordioso das três Pessoas divinas, como ela o exprime, especialmente no seu *Acto de oferecimento ao Amor misericordioso*. Na base, da parte do sujeito, está a experiência da filiação divina sob a moção do Espírito Santo. Ainda na base e diante de nós, está o próximo, os outros, para cuja salvação devemos colaborar com e em Jesus, com o Seu mesmo amor misericordioso.

Na infância espiritual experimenta-se que tudo vem de Deus, tudo para Ele volta e tudo n'Ele permanece, para a salvação de todos, num mistério de amor misericordioso. Essa é a mensagem doutrinal ensinada e vivida por esta Santa.

Assim como para os Santos da Igreja de todos os tempos, também para ela, na sua experiência espiritual, o centro e plenitude da revelação é Cristo. Teresa conheceu Jesus, amou-O e fê-Lo amar com a paixão de uma esposa. Ela penetrou nos mistérios da Sua infância, nas palavras do Seu Evangelho, na paixão do Servo sofredor, esculpida no Seu Rosto santo, no esplendor da Sua existência gloriosa, na Sua

presença eucarística. Cantou todas as expressões da divina caridade de Cristo, como são propostas pelo Evangelho (cf. *P 24, Jesus, meu Bem-amado, lembra-Te!...*).

Teresa foi iluminada de maneira particular sobre a realidade do Corpo místico de Cristo, sobre a diversidade dos seus carismas, dons do Espírito Santo, sobre a força eminente da caridade, que é como que o próprio coração da Igreja, na qual ela encontrou a sua vocação de contemplativa e de missionária (cf. *Ms B, 2r-3v*).

Finalmente, entre os capítulos mais originais da sua ciência espiritual deve-se recordar a sábia investigação que Teresa fez do mistério e do caminho da Virgem Maria, chegando a conclusões muito próximas da doutrina do Concílio Vaticano II, no cap. VIII da Constituição *Lumen Gentium*, e de tudo quanto eu próprio propus na minha Encíclica *Redemptoris Mater*, de 25 de Março de 1987.

9. A principal fonte da sua experiência espiritual e da sua doutrina é a Palavra de Deus, no Antigo e no Novo Testamento. Ela própria o confessa, acentuando, de modo especial, o seu apaixonado amor pelo Evangelho (cf. *Ms A, 83v*). Nos seus escritos contam-se mais de mil citações bíblicas: mais de quatrocentas do Antigo e mais de seiscentas do Novo Testamento.

Apesar da preparação inadequada e da falta de instrumentos para o estudo e a interpretação dos livros sagrados, Teresa mergulhou na meditação da Palavra de Deus com uma fé e uma vivacidade singulares. Sob o influxo do Espírito Santo alcançou, para si e para os outros, um profundo conhecimento da revelação. Com a sua concentração amorosa na Escritura – teria querido conhecer até o hebraico e o grego para compreender melhor o espírito e a letra dos livros sagrados – fez ver a importância que as fontes bíblicas têm para a vida espiritual, pôs em evidência a originalidade e o vigor do Evangelho, cultivou com sobriedade a exegese espiritual da Palavra de Deus, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Descobriu assim tesouros escondidos, apropriando-se de palavras e episódios, às vezes não sem audácia sobrenatural como quando, ao ler os textos de Paulo (cf. *1Cor 12, 13*), intuiu a sua vocação ao amor (cf. *Ms B, 3r-3v*). Iluminada pela Palavra revelada, Teresa escreveu páginas geniais sobre a unidade entre o amor de Deus e o amor do próximo (cf. *Ms C, 11v-19r*); e identificou-se

com a oração de Jesus na Última Ceia, como expressão da sua intercessão para a salvação de todos (cf. *Ms C*, 34r-35r).

A sua doutrina coincide, como já se disse, com a doutrina da Igreja. Desde criança, foi educada pela família a participar na oração e no culto litúrgico. Na preparação para a sua primeira confissão, para a primeira Comunhão e para a Confirmação, demonstrou um amor extraordinário pelas verdades da fé, e aprendeu o *Catecismo* quase palavra por palavra (cf. *Ms A*, 37r-37v). No fim da sua vida escreveu com o próprio sangue o Símbolo dos Apóstolos, como expressão da sua união de espírito, sem reservas, à profissão de fé.

Além das palavras da Sagrada Escritura e da doutrina da Igreja, Teresa nutriu-se, desde jovem, com a *Imitação de Cristo* que, como ela mesma confessa, sabia quase de cor (cf. *Ms A*, 47r). Foram determinantes para a realização da sua vocação carmelita os textos espirituais da Madre Fundadora, Teresa de Jesus, especialmente os que expõem o sentido contemplativo e eclesial do carisma do Carmelo teresiano (cf. *Ms C*, 33v). Mas Teresa alimentou-se particularmente com a doutrina mística de S. João da Cruz, que foi o seu verdadeiro mestre espiritual (cf. *Ms A*, 83r). Portanto, não é de admirar que, na escola destes dois Santos, posteriormente declarados Doutores da Igreja, também ela, excelente discípula, se tenha tornado Mestra de vida espiritual.

10. *A doutrina espiritual de Teresa de Lisieux contribuiu para a difusão do Reino de Deus.* Com o seu exemplo de santidade, de perfeita fidelidade à Mãe Igreja, de plena comunhão com a Sé de Pedro, assim como com as particulares graças por ela suplicadas para muitos irmãos e irmãs missionários, prestou um particular serviço à renovada proclamação e experiência do Evangelho de Cristo e à expansão da fé católica em todas as nações da terra.

Não é necessário alongarmo-nos muito sobre a *universalidade da doutrina teresiana e a grande aceitação da sua mensagem* ao longo do século que nos separa da sua morte: está bem documentado nos estudos realizados com vistas à atribuição do título de Doutora da Igreja a esta Santa.

A este propósito, reveste-se de particular importância o facto que o próprio Magistério da Igreja não só reconheceu a santidade de

Teresa, mas pôs também em evidência a sua sabedoria e a sua doutrina. Já Pio X afirmou que ela era «a maior santa dos tempos modernos». Recebendo com alegria a primeira edição italiana da *História de uma alma*, ele exaltou os frutos que se colhem na espiritualidade teresiana. Bento XV, por ocasião da proclamação das virtudes heróicas da Serva de Deus, ilustrou o caminho da infância espiritual e louvou a ciência das realidades divinas, concedidas por Deus a Teresa, para ensinar aos outros o caminho da salvação (AAS 13 (1921) 449-452). Pio XI, por ocasião tanto da sua beatificação como da sua canonização, quis expor e recomendar a doutrina da Santa, realçando a particular inspiração divina (*Discorsi di Pio XI*, vol. I, Turim 1959, pág. 91) e qualificando-a como mestra de vida (cf. AAS 17 (1925) pp. 211-214). Pio XII, quando foi consagrada a Basílica de Lisieux em 1954, afirmou, entre outras coisas, que Teresa alcançou, com a sua doutrina, o próprio coração do Evangelho (cf. AAS 46 (1954) pp. 404-408). O Cardeal Ângelo Roncalli, futuro Papa João XXIII, visitou várias vezes Lisieux, especialmente quando era Núncio em Paris. Durante o seu pontificado manifestou em várias circunstâncias a sua devoção pela Santa e ilustrou as relações entre a doutrina da Santa de Ávila e da sua filha, Teresa de Lisieux (*Discorsi, Messaggi, Colloqui*, vol. II (1959-1960) pp. 771-772). Várias vezes, durante a celebração do Concílio Vaticano II, os Padres evocaram o seu exemplo e a sua doutrina. Paulo VI, no centenário do nascimento da Santa, enviava no dia 2 de Janeiro de 1973 uma Carta ao Bispo de Bayeux e Lisieux, enaltecendo o exemplo de Teresa na procura de Deus, propondo-a como mestra da oração e da esperança teológica, modelo de comunhão com a Igreja, aconselhando o estudo da sua doutrina aos mestres, aos educadores, aos pastores e aos próprios teólogos (cf. AAS 65 (1973) pp. 12-15). Eu próprio, em várias ocasiões, tive a alegria de me referir à figura e à doutrina da Santa, de modo especial por ocasião da inesquecível visita a Lisieux, a 2 de Junho de 1980, quando quis lembrar a todos: «de Teresa de Lisieux pode-se dizer com convicção que o Espírito de Deus permitiu ao seu coração revelar directamente, aos homens do nosso tempo, o *mistério fundamental*, a realidade do Evangelho (...).

O «pequeno caminho» é o caminho da «santa infância». Neste caminho, encontra-se ao mesmo tempo a confirmação e a renovação da verdade mais *fundamental* e mais *universal*. Que verdade da mensagem evangélica é, com efeito, mais fundamental e mais universal do que

esta: Deus é nosso Pai e nós somos seus filhos?» (*L'Osserv. Rom.*, ed. port. de 15 de Junho de 1980, pág. 16).

Estas breves referências a uma ininterrupta série de testemunhos dos Papas deste século sobre a santidade e a doutrina de Santa Teresa do Menino Jesus e sobre a difusão universal da sua mensagem, exprimem claramente quanto a Igreja acolheu, nos seus pastores e nos seus fiéis, a doutrina espiritual desta jovem Santa.

Sinal do acolhimento eclesial da doutrina da Santa é o recurso à sua doutrina em muitos documentos do Magistério ordinário da Igreja, de modo especial quando se fala da vocação contemplativa e missionária, da confiança em Deus justo e misericordioso, da alegria cristã, da vocação à santidade. Testemunho disto mesmo é a presença da sua doutrina no recente *Catecismo da Igreja Católica* (nn. 127, 826, 956, 1011, 2011, 2558). Aquela que tanto gostou de aprender no catecismo as verdades da fé, mereceu ser incluída entre as testemunhas autorizadas da doutrina católica.

Teresa possui uma universalidade singular. A sua pessoa e a mensagem evangélica do «pequeno caminho» da confiança e da infância espiritual encontraram, e continuam a encontrar, um acolhimento surpreendente, que ultrapassou todos os limites.

A influência da sua mensagem compreende, antes de tudo, homens e mulheres cuja santidade ou heroicidade das virtudes a própria Igreja reconheceu, pastores da Igreja, mestres da teologia e da espiritualidade, sacerdotes e seminaristas, religiosos e religiosas, movimentos eclesiais e novas comunidades, homens e mulheres de todas as condições e de todos os continentes. Teresa transmite a todos a sua convicção pessoal de que o mistério cristão, do qual é testemunha e apóstola pela oração, como ela própria se denomina com audácia, «apóstola dos apóstolos» (*Ms A*, 56r), deve ser tomado à letra, com o maior realismo possível, porque tem um valor universal no tempo e no espaço. A força da sua mensagem reside na ilustração concreta de como todas as promessas de Jesus se realizam plenamente no crente que sabe acolher com confiança, na própria vida, a presença salvífica do Redentor.

11. Todas estas razões são um testemunho claro da *actualidade* da doutrina da Santa de Lisieux e da *particular incidência* da sua mensagem sobre os homens e as mulheres do nosso século. Ocorrem,

ainda, outras circunstâncias que tornam mais significativa a sua nomeação como Mestra para a Igreja do nosso tempo.

Antes de tudo, Teresa é uma *mulher* que, ao aproximar-se do Evangelho, soube acolher as riquezas escondidas com aquela consistência e profunda ressonância vital e sapiencial, que é própria do gênio feminino. Ela emerge, pela sua universalidade, da plêiade das mulheres santas que resplandecem pela sabedoria do Evangelho.

Teresa é, depois, uma *contemplativa*. No silêncio do seu Carmelo viveu a grande aventura da experiência cristã até conhecer a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo (cf. *Ef* 3, 18-19). Deus quis que não permanecessem escondidos os Seus segredos, mas habilitou Teresa para proclamar os segredos do Rei (cf. *Ms C*, 2v). Com a sua vida, Teresa oferece um testemunho e uma ilustração teológica da beleza da vida contemplativa, como total dedicação a Cristo, Esposo da Igreja, e como afirmação viva da primazia de Deus sobre todas as coisas. A sua vida escondida possui uma misteriosa fecundidade para o anúncio do Evangelho e enche a Igreja e o mundo com o bom odor de Cristo (cf. *Ct*, 169, 2v).

Teresa de Lisieux, por fim, é uma *jovem*. Atingiu a maturidade da santidade em plena juventude (cf. *Ms C*, 4r). Desse modo propõe-se como Mestra de vida evangélica, particularmente eficaz ao iluminar os caminhos dos jovens, aos quais compete ser protagonistas e testemunhas do Evangelho junto das novas gerações.

Teresa do Menino Jesus é não só a mais jovem Doutora da Igreja, mas também a mais próxima de nós no tempo, como que a sublinhar a continuidade com que o Espírito do Senhor envia à Igreja os seus mensageiros, homens e mulheres, como mestres e testemunhas da fé.

Com efeito, quaisquer que sejam as mudanças que se possam constatar no decurso da história, e não obstante as repercussões que elas costumam ter na vida e no pensamento das pessoas de cada época, não devemos perder de vista a continuidade que une entre si os Doutores da Igreja: eles continuam a ser, em qualquer contexto histórico, testemunhas do Evangelho que não muda e, com a luz e a força que lhes vêm do Espírito, tornam-se seus mensageiros, voltando a anunciá-lo na sua pureza aos contemporâneos. Teresa é Mestra para o nosso tempo,

sedento de palavras vivas e essenciais, de testemunhos heróicos e credíveis. Por isso ela é amada e acolhida também por irmãos e irmãs das outras Comunidades cristãs e até por quem nem sequer é cristão.

12. Neste ano em que se celebra o centenário da gloriosa morte de Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, enquanto nos preparamos para a celebração do Grande Jubileu do Ano 2000, depois de ter recebido numerosos e conceituados pedidos, sobretudo da parte de muitas Conferências Episcopais do mundo inteiro, e depois de ter aceite o pedido oficial ou *Supplex Libellus*, que me foi dirigido em data de 8 de Março de 1997 pelo Bispo de Bayeux e Lisieux, assim como da parte do Preósito-Geral da Ordem dos Carmelitas Descalços da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo e da parte do Postulador Geral da Mesma Ordem, decidi confiar à Congregação para as Causas dos Santos, competente na matéria, «*praehabito voto Congregationis de Doctrina Fidei ad eminentem doctrinam quod attinet*» (Const. Apost. *Pastor bonus*, 73), o peculiar estudo da causa para a atribuição do Doutoramento a esta Santa.

Recolhida a necessária documentação, as supra-mencionadas Congregações estudaram a questão nas respectivas Consultas: a da Congregação para a Doutrina da Fé, a 5 de Maio de 1997, no que se refere à «eminente doutrina», e a da Congregação para as Causas dos Santos, a 29 de Maio do mesmo ano, para examinar a especial «*Positio*». No dia 17 de Junho seguinte, os Cardeais e os Bispos membros dessas Congregações, seguindo um modo de proceder por mim aprovado para a ocasião, reuniram-se numa Sessão Interdicasterial plenária e discutiram a Causa, exprimindo por unanimidade um parecer favorável à concessão do título de Doutora da Igreja universal a Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. Esse parecer foi-me notificado pessoalmente pelo Senhor Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e pelo Pró-Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, D. Alberto Bovone, Arcebispo Titular de Cesareia de Numidia.

Tendo tudo isto em consideração, no dia 24 de Agosto passado, no momento da oração do «*Angelus*», na presença de centenas de Bispos e perante uma imensa multidão de jovens do mundo inteiro, reunida em Paris para a XII Jornada Mundial da Juventude, eu quis pessoalmente anunciar a intenção de proclamar Teresa do Menino Jesus e da Santa

Face Doutora da Igreja universal, por ocasião da celebração do Dia Mundial das Missões (em Roma).

Hoje, 19 de Outubro de 1997, na Praça de S. Pedro, repleta de fiéis provenientes de todas as partes do mundo, estando presentes numerosos Cardeais, Arcebispos e Bispos, durante a solene celebração eucarística proclamei Doutora da Igreja universal Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, com estas palavras: *Vindo ao encontro dos desejos de um grande número de Irmãos no Episcopado e de muitíssimos fiéis do mundo inteiro, ouvido o parecer da Congregação para as Causas dos Santos e obtido o voto da Congregação para a Doutrina da Fé naquilo que concerne à eminente doutrina, com conhecimento certo e ponderada deliberação, em virtude da plena autoridade apostólica, declaramos Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, virgem, Doutora da Igreja universal. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.*

Tendo realizado tudo isto como convém, ordenamos que esta Carta Apostólica seja religiosamente acolhida e de pleno efeito, quer agora quer no futuro. Além disso, porque foi julgada e definida legitimamente, tenha-se por nulo e sem fundamento tudo quanto de contrário a ela possa ser atentado por quem quer que seja, com a autoridade que tiver, de modo consciente ou por ignorância.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, sob o sigilo do anel do Pescador, no dia 19 do mês de Outubro do ano do Senhor de 1997, vigésimo de Pontificado.

Joannes Paulus B. II

UMA DOUTORA:^{*}

MULHER, JOVEM, CONTEMPLATIVA

JOÃO PAULO II

1. «*As nações caminharão à tua luz*» (Is 60, 3). Nas palavras do profeta Isaías já ressoa, como expectativa ardente e esperança luminosa, o eco da Epifania. Com efeito, esta solenidade permite-nos perceber melhor *o carácter missionário deste domingo*. A profecia de Isaías, na verdade, estende à humanidade inteira a perspectiva da salvação, bem como o gesto profético dos Magos do Oriente que, indo adorar o Menino-Deus nascido em Belém (cf *Mt 2*, 1-12), anunciam e inauguram a adesão dos povos à mensagem de Cristo.

Todos os homens são chamados a acolher na fé o Evangelho que salva. A Igreja é enviada a todos os povos, a todas as terras e culturas: «Ide... fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (*Mt 28*, 19-20). Estas palavras, pronunciadas por Cristo antes de subir ao céu, juntamente com a promessa feita aos Apóstolos e aos seus sucessores de estar

^{*} Homilia de João Paulo II durante a Missa concelebrada na Praça de S. Pedro, no Dia Mundial das Missões, 19 de Outubro de 1997

com eles até ao fim do mundo (cf. *Mt 28, 20*), constituem a essência do mandamento missionário. Na pessoa dos seus ministros, é o próprio Cristo que vai *ad gentes*, a quantos ainda não receberam o anúncio da fé.

2. Teresa Martin, Carmelita descalça de Lisieux, desejava ardentemente ser missionária. E foi-o, a ponto de poder ser proclamada *Padroeira das Missões*. O próprio Jesus lhe mostrou como haveria de viver essa vocação: praticando em plenitude o mandamento do amor, haveria de imergir-se no coração mesmo da missão da Igreja, sustentando os anunciadores do Evangelho com a força misteriosa da oração e da comunhão. Assim, ela concretizava o que realça o Concílio Vaticano II quando ensina que a Igreja é missionária por sua natureza (cf *Ad Gentes, 2*). Não só aqueles que optam pela vida missionária, mas todos os batizados são de algum modo enviados *ad gentes*.

Por este motivo eu quis escolher este domingo missionário para proclamar Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face *Doutora da Igreja universal: uma mulher, uma jovem, uma contemplativa*.

3. A ninguém passa despercebido, portanto, que hoje está a acontecer algo de surpreendente. Santa Teresa de Lisieux não pôde frequentar uma Universidade e nem sequer os estudos sistemáticos. Morreu jovem. No entanto, a partir de hoje será honrada como Doutora da Igreja. Este é um reconhecimento qualificado que a eleva na consideração de toda a comunidade cristã, muito mais do que se tivesse recebido um «título académico».

Com efeito, quando o Magistério proclama alguém Doutor da Igreja, pretende indicar a todos os fiéis, particularmente aos que exercem na Igreja o serviço fundamental da pregação ou a delicada tarefa da investigação e do ensino teológico, que a doutrina professada e proclamada por uma determinada pessoa pode ser um ponto de referência, não só por estar em conformidade com a verdade revelada, mas também porque traz nova luz acerca dos mistérios da fé e uma compreensão mais profunda do «depositum fidei». Para esse processo de crescimento contribui não só o estudo enriquecido na contemplação a que são chamados os teólogos, ou o Magistério dos Pastores, dotados do «carisma certo da verdade», mas também aquela «*íntima inteligência das coisas espirituais*», concedida *mediante a experiência*, com a riqueza e diversidade de dons, a quantos se deixam guiar com docilidade pelo Espírito de Deus (cf *Dei Verbum, 8*). A *Lumen Gentium*, por sua vez,

ensina que nos Santos «Deus mesmo nos fala» (n. 50). É por isso que, para o aprofundamento dos mistérios divinos, sempre maiores que os nossos pensamentos, dá-se um valor especial à experiência espiritual dos Santos. Não é por acaso que a Igreja, para atribuir o título de «Doutor», só faz a eleição entre eles.

4. Entre os «Doutores da Igreja», Teresa do Menino Jesus e da Santa Face é a mais jovem. Porém, o seu ardente itinerário espiritual demonstra muita maturidade, e as intuições de fé contidas nos seus escritos são tão vastas e profundas que a tornam digna de figurar entre os grandes mestres espirituais.

Na Carta Apostólica que escrevi para esta ocasião, apresentei alguns aspectos mais salientes da sua doutrina. Mas como não evocar aqui aquele que se pode considerar como o mais principal, partindo da narração da surpreendente descoberta que ela fez da sua particular vocação na Igreja? «A caridade – escreve ela – deu-me a chave da minha vocação. Compreendi que se a Igreja tinha um corpo composto de diversos membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe faltava: compreendi que a Igreja tinha um coração, e que esse coração estava ardendo de amor. Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja; que se o Amor se apagasse, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os mártires recusar-se-iam a derramar o seu sangue... Compreendi que o Amor encerra todas as Vocações... Então, num transporte de alegria delirante, exclamei: Ó Jesus, meu Amor! encontrei finalmente a minha vocação: a minha vocação é o Amor!...» (*Ms B*, 3v). Eis uma página admirável que, por si só, é suficiente para mostrar que se pode aplicar a Santa Teresa a passagem do Evangelho que ouvimos na liturgia da Palavra: «Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos» (*Mt* 11, 25).

5. Teresa de Lisieux não só compreendeu e descreveu a profunda verdade do Amor como o centro e o coração da Igreja, mas viveu-a com intensidade na sua breve existência. É justamente esta *convergência entre a doutrina e a experiência concreta*, entre a verdade e a vida, entre o ensinamento e a prática, que resplandece com particular clareza nesta Santa, e que a torna um modelo atraente, sobretudo para os jovens e para aqueles que andam à procura do verdadeiro sentido a dar à própria vida.

Diante do vazio de tantas palavras, Teresa apresenta outra solução: a única Palavra da salvação que, compreendida e vivida no silêncio, se torna uma fonte de vida renovada. A uma cultura racionalista, frequentemente impregnada de um materialismo prático, ela opõe, com uma desarmante simplicidade, o «pequeno caminho». Por ele volta-se ao essencial e ao segredo de toda a existência: o Amor divino envolve e preenche toda a aventura humana. Num tempo como o nosso, tantas vezes marcado pela cultura do efêmero e do hedonismo, esta nova Doutora da Igreja mostra-se dotada duma singular eficácia para esclarecer o espírito e o coração daqueles que têm sede de verdade e de amor.

6. Santa Teresa é apresentada como Doutora da Igreja no dia em que celebramos a Jornada Mundial das Missões. Ela teve o ardente desejo de se consagrar ao anúncio do Evangelho e queria coroar o seu testemunho com o supremo sacrifício do martírio (cf. *Ms B*, 3r). Sabe-se também com que intenso empenho pessoal ela susteve o trabalho apostólico dos Padres missonários Maurício Bellière e Adolfo Roulland, um em África e outro na China. No seu impulso de amor pela evangelização, Teresa só tinha um ideal, como ela própria diz: «O que Lhe pedimos, é para trabalhar para sua glória, é amá-l'O e fazê-l'O amar» (*Ct* 220).

O caminho percorrido para chegar a este ideal de vida não foi o dos grandes empreendimentos reservados a um pequeno número mas, pelo contrário, um caminho ao alcance de todos, o «pequeno caminho», caminho da confiança e do abandono total de si mesma à graça do Senhor. Não se trata de um caminho a ser banalizado, como se fosse menos exigente. Na realidade, ele é exigente, como exigente é o Evangelho. É um caminho impregnado do sentido do abandono confiante na misericórdia divina, que até suaviza o mais rigoroso empenho espiritual.

Neste caminho, onde tudo é «graça», ela faz da sua relação com Cristo e do amor o centro de tudo, em virtude do lugar que os impulsos do coração ocupam no seu itinerário espiritual. Teresa de Lisieux é uma Santa que permanece jovem, apesar dos anos que passam, e é proposta como modelo eminente e guia para os cristãos do nosso tempo, que chega ao terceiro milénio.

7. É grande, pois, a alegria da Igreja, neste dia em que coroa as expectativas e as orações de quantos, com a riqueza do Doutoramento, intuíram, reconheceram e acolheram este especial dom de Deus. Por

isso, todos juntos queremos dar graças ao Senhor, e de modo particular com os professores e os estudantes das Universidades eclesiásticas romanas, que, precisamente nestes dias, iniciaram o novo Ano académico.

Sim, ó Pai, nós Vos bendizemos, com Jesus (cf *Mt* 11, 25), porque escondestes os Vossos segredos «aos sábios e aos entendidos» e os «revelastes a esta pequenina», que hoje propondes de novo à nossa atenção e à nossa imitação.

Obrigado pela sabedoria que Lhe destes, tornando-a para toda a Igreja uma singular testemunha e mestra de vida!

Obrigado pelo amor que sobre ela derramastes e que continua a iluminar e a aquecer os corações, impelindo-os à santidade!

O desejo que Teresa manifestou de «passar o seu Céu a fazer o bem sobre a terra» (*UCR*, 17/7), continua a realizar-se de modo extraordinário.

Obrigado, ó Pai, porque a fazeis mais próxima a nós, pelo novo título que hoje lhe concedeis, para louvor e glória do Vosso nome por todos os séculos.

Amén!

«Teresa de Lisieux é uma Santa que permanece jovem, apesar dos anos que passam, e é proposta como modelo eminente e guia para os cristãos do nosso tempo, que chega ao terceiro milénio».

(Da Homilia do Papa João Paulo II,
no Doutoramento de Santa Teresa do Menino Jesus)

DISCURSO AOS PEREGRINOS*

JOÃO PAULO II

Caros Irmãos no Episcopado,
Queridos amigos!

1. O dia de ontem permitiu-vos participar numa cerimónia pouco habitual na vida da Igreja, mas rica de sentido: a proclamação de uma Doutora da Igreja. Saúdo cordialmente todos os peregrinos aqui presentes esta manhã, em particular D. Pierre Pican, Bispo de Bayeux e Lisieux, assim como D. Guy Gaucher, seu Auxiliar, e D. Georges Gilson, Arcebispo de Sens e Prelado da Missão de França. Quisestes entrar na escola daquela que é para nós a encarnação do «pequeno caminho», o caminho real do Amor. Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face faz parte daquele grupo de Santos que a Igreja reconhece como mestres da vida espiritual. Como Doutora, ela ensina, porque embora os seus escritos não tenham a mesma natureza que os dos teólogos, são para cada um de nós uma ajuda poderosa para a compreensão da fé e da vida cristãs.

2. Dirijo-me aos representantes da Ordem dos Carmelitas e saúdo-os com muito afecto, pois esta proclamação do Doutoramento de

* Discurso do Santo Padre aos peregrinos vindos para a proclamação de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face como «Doutora da Igreja», 20. 10. 1997

Teresa de Lisieux é para eles, de modo particular, motivo de festa. Do fundo do coração saúdo todas as pessoas consagradas e os membros dos movimentos espirituais que se confiam ao patrocínio de Santa Teresa de Lisieux. Encorajo-vos a permanecer fiéis à mensagem que ela oferece à Igreja, graças a vós, testemunhas vivas do seu ensinamento. Procurai permanecer sempre na escuta da sua mensagem, de a difundir à vossa volta com a palavra e o exemplo.

3. Teresa é, para o nosso tempo, uma testemunha poderosa e próxima de uma experiência de fé em Deus, um Deus fiel e misericordioso, um Deus justo pelo seu próprio Amor. Ela vivia profundamente a sua pertença à Igreja, Corpo de Cristo. Julgo que os jovens encontraram nela, efectivamente, uma inspiradora para os guiar na fé e na vida eclesial, numa época em que o caminho pode ser dificultado por provações e dúvidas. Teresa conheceu muitas dessas provações, mas manteve-se fiel e confiante; e disto dá testemunho. Ela anima os seus irmãos e as suas irmãs ao longo de todos os caminhos do mundo.

4. Teresa, na sua simplicidade, é modelo de vida oferecida ao Senhor, mesmo nos gestos mais pequenos. De facto, escrevia: «Quero santificar as palpitações do meu coração, os meus pensamentos e as minhas mais simples obras, unindo-as aos Seus méritos infinitos» (*Or* 10). Foi com esta disposição de espírito que ela um dia se dirigiu ao seu Mestre e Senhor, dizendo: «Peço-Vos que sejais Vós mesmo a minha Santidade» (*Oferecimento ao Amor misericordioso, Or* 6).

Da união com Cristo derivam os frutos de caridade que devemos deixar amadurecer também em nós. Teresa tinha compreendido bem que é precisamente aqui onde está a origem do amor aberto aos outros: «Eu sinto que quando sou caridosa, é só Jesus que age em mim; quanto mais estiver unida a Ele, tanto mais amo também as minhas Irmãs» (*Ms C* 12v). Nas dificuldades que a vida quotidiana necessariamente apresenta, ela jamais procurou fazer valer os seus direitos, mas estava sempre pronta a ceder diante de uma Irmã, mesmo que interiormente lhe custasse muito. Eis uma atitude que, em cada época da vida da Igreja, deve ser imitada pelos baptizados de qualquer idade e condição. Só a virtude da humildade, que Teresa pediu insistentemente a Cristo, torna possível uma autêntica atenção aos outros.

5. Unida a Cristo e doada aos outros, Teresa sente-se inclinada naturalmente a fazer chegar o seu amor ao mundo inteiro. O meu

predecessor, o Papa Pio XI, acentuou este aspecto da sua doutrina espiritual ao proclamá-la, em 1927, «Padroeira das Missões». Com o amor que a une a Cristo, começa a identificar-se com a Bem-amada do Cântico dos Cânticos: «Leva-me atrás de ti» (*Cant* 1, 4). Depois compreende que, com ela, o Senhor atrai a multidão dos homens, visto que a sua alma tem um amor imenso por eles. «Todas as almas que ama são arrastadas atrás dela» (*Ms C 34r*). Com uma extraordinária audácia e fineza espiritual, Teresa apropria-se das palavras de Jesus depois da Ceia, para dizer que também ela entra a formar parte do grande movimento pelo qual o Senhor atrai todos os homens e os conduz ao Pai: «As vossas palavras, ó Jesus, são, portanto, minhas, e posso servir-me delas para atrair sobre as almas que estão unidas a mim os favores do Pai celeste» (*Ms C 34v*).

6. Caros Irmãos, queridos amigos, compete-vos viver todos os dias esta doutrina oferecida agora publicamente a toda a Igreja. Procurai fazê-la vossa, e fazer com que seja melhor conhecida. Como a Sagrada Escritura – que Teresa citava com predileção – ela não é muito difícil para se recusar, nem bastante fácil para se esgotar: «Ela nem é fechada para ser desencorajadora, nem acessível a ponto de se tornar banal. Quanto mais a frequentamos, menos a deixamos, quanto mais a meditamos, mais a amamos» (S. Gregório Magno, *Moralia in Job*, XX, 1, 1).

Desejando-vos muitas descobertas e alegrias na escola de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, Doutora da Igreja universal, concedo-vos de todo o coração a Bênção Apostólica, que faço extensiva a todos os que representais e que vos acompanham espiritualmente.

«Quero santificar
as palpitações
do meu coração,
os meus
pensamentos,
e as minhas
mais simples
obras,
unindo-as
aos Seus
méritos infinitos»

(Oração 10).

UMA DOUTORA PARA O TERCEIRO MILÉNIO

SUPERIORES GERAIS O.CARM E OCD

Queridos irmãos e irmãs no Carmelo:

1. Há pouco mais de um ano escrevemo-vos para reflectir sobre a mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, por ocasião do centenário da sua morte. Nessa altura não pensávamos voltar a escrever-vos tão cedo outra carta circular. Agora fazemo-lo para meditarmos juntos sobre o sentido e as consequências do título de Doutora da Igreja que o Papa João Paulo II, como acaba de anunciar em Paris, durante a Jornada Mundial da Juventude, lhe outorgará em Roma, no próximo dia 19 de Outubro de 1997, Domingo mundial das Missões.

2. Na manhã do dia 24 de Agosto, ao encerrar em Paris a Jornada Mundial da Juventude, o Papa descreveu a pessoa e a doutrina de Teresa e os motivos pelos quais a declarará doutora, após um “cuidado estudo” e muitos pedidos da Igreja universal. Disse que Teresa de Lisieux foi uma jovem carmelita que viveu a plenitude do amor de Deus, oferecendo-se radicalmente ao Seu amor e sabendo praticar, na simplicidade da vida quotidiana, o amor fraterno. Ela imitou Jesus sentando-se à mesa dos

pecadores, seus irmãos, para que fossem purificados pelo amor, porque se sentia abrasada pelo desejo ardente de ver todos os homens iluminados pela luz da fé. Ela, continuou o Papa, descobriu que a sua vocação era ser no coração da Igreja o amor, e traçou o «pequeno caminho» das crianças que acolhem a Deus com uma confiança audaz. A sua mensagem está centrada na atitude filial, proposta a todos os fiéis. “Os seus ensinamentos, verdadeira ciência do amor”, são a expressão luminosa do seu conhecimento sobre o mistério de Cristo e a sua experiência pessoal de graça. Ajuda os homens e mulheres de hoje, também os de amanhã, a perceber melhor os dons de Deus e a difundir a Boa Nova do amor infinito.

3. O Papa chamou-lhe “carmelita e apóstolo, mestra de sabedoria espiritual para numerosas pessoas consagradas e leigas, padroeira das missões”. Também sublinhou que “ocupa um lugar de primeira ordem na Igreja e que a sua eminente doutrina merece ser lembrada entre as mais fecundas”. Concluiu afirmando que quis anunciar a proclamação de Teresa de Lisieux como Doutora da Igreja diante dos jovens porque ela, jovem santa, tão presente no nosso tempo, tem uma mensagem específica e adequada à juventude. Na escola do evangelho, ela abre aos jovens o caminho da maturidade cristã, “chama-os a uma infinita generosidade e convida-os a serem, no coração da Igreja, os discípulos e testemunhas ardentes do amor de Cristo”. Invocou, juntamente com os jovens, Teresa de Lisieux para que conduza os homens e mulheres do nosso tempo pelo caminho da verdade e da vida. Ao terminar o seu discurso disse: “com Teresa do Menino Jesus dirigamo-nos à Virgem Maria, a quem ela tanto louvou e rezou com filial confiança ao longo de toda a sua vida”.

I. Um longo caminho até ser doutora

Os primeiros passos

4. A partir da sua canonização, não faltaram bispos, pregadores, teólogos e fiéis de diversos países a pedirem que Teresa de Lisieux fosse declarada doutora da Igreja. Esta corrente eclesial favorável ao doutoramento teresiano-lexoviense tornou-se oficial em 1932, por ocasião da inauguração da cripta da Basílica de Lisieux, durante a qual se realizou

um Congresso em que participaram cinco cardeais, cinquenta bispos e uma grande multidão de fiéis. No dia 30 de Junho, o P. Gustave Desbuquois, S.J., com uma argumentação teológica clara e precisa, falava de Teresa de Lisieux como doutora da Igreja. Superada a surpresa inicial da sua proposta, houve a adesão de muitos participantes, bispos e teólogos. Esta repercussão positiva da sugestão do Pe. Desbuquois teve um alcance universal. D. Clouthier, bispo de Trois Rivières (Canadá), escreveu aos bispos do mundo inteiro a fim de preparar uma solicitação à Santa Sé. Em 1933 já tinha recebido 342 respostas positivas de bispos que apoiavam o projecto de se declarar Teresa de Lisieux Doutora da Igreja.

Restrições a uma mulher

5. A relação do P. Desbuquois foi apresentada ao Papa Pio XI. Acompanhava-a uma carta da Madre Inês de Jesus, irmã da Santa e Priora do Carmelo de Lisieux, onde dava conta ao Papa do grande êxito do Congresso teresiano. A 31 de Agosto de 1932, o cardeal Pacelli, Secretário de Estado, respondia à Madre Inês, em nome do Papa. Manifestava a sua alegria pelo sucesso do Congresso teresiano, mas ponderava que era melhor não tratar da declaração de Teresa de Lisieux como Doutora da Igreja, embora a “sua doutrina não deixasse de ser uma luz segura para as almas que procuram conhecer o espírito do evangelho”.

Ainda não tinha chegado o tempo propício para se declarar uma mulher como Doutora da Igreja. De facto, o Papa Pio XI tinha respondido negativamente à solicitação que os Carmelitas lhe haviam apresentado para que Santa Teresa de Jesus, “*Mãe dos Espirituais*”, fosse declarada Doutora. A proposta fora rejeitada por se tratar de uma mulher. “*Obstat sexus*” (“o sexo impede”), disse o Papa; e acrescentou que deixava a decisão para o seu sucessor.

Perante a resposta negativa do Vaticano, e por ordem do mesmo, a recolha de assinaturas a favor da concessão do título de Doutora a Santa Teresa de Lisieux, foi interrompida.

Mudam as circunstâncias

6. Em 1970, com a declaração de Teresa de Jesus e Catarina de Sena como Doutoradas da Igreja, foi derrubado definitivamente o obstáculo que impedia a nomeação de uma mulher como doutora. Perante este facto, apresentou-se novamente a possibilidade de Teresa de Lisieux poder vir a ser declarada Doutora da Igreja. Em 1973, ano centenário do seu nascimento, Mons. Garrone colocou novamente a questão: “Santa Teresa de Lisieux poderá, um dia, vir a ser Doutora da Igreja? Respondo que sim, sem hesitação, estimulado com o que aconteceu com a grande Santa Teresa e Santa Catarina de Sena”. Em sucessivas ocasiões, os Carmelitas levantaram a questão. Em 1981, o Cardeal Roger Etchegaray, a pedido do Carmelo Teresiano, e depois de consultar o Conselho Permanente do Episcopado francês, enviou uma carta oficial ao Papa João Paulo II solicitando que Teresa de Lisieux fosse declarada Doutora da Igreja. Várias vezes, a Postulação geral da Ordem e o bispo de Lisieux, D. Pican, escreveram cartas oficiais neste sentido. O Capítulo Geral do Carmelo Teresiano, em 1991, e o Carmelo da Antiga Observância, em 1995, fizeram o mesmo. No mesmo sentido se pronunciaram mais de 30 Conferências Episcopais e milhares de cristãos: sacerdotes, religiosos e leigos de 107 países.

A “Positio” examinada e aprovada

7. Nos primeiros meses deste ano de 1997, foi solicitado oficialmente ao Carmelo Teresiano a elaboração da “Positio”, ou seja, a apresentação das provas necessárias para demonstrar que uma pessoa reúne as condições exigidas pela Igreja para ser declarada Doutor. As limitações de ordem cronológica obrigaram a um trabalho de colaboração. No início de Maio já se contava com um volume impresso de 965 páginas, dividido em quatro partes e treze capítulos, onde se apresentam os dados, a doutrina e a importância, a influência e a actualidade da mensagem teresiano-lexoviense. Apresenta-se uma breve história da sua beatificação e canonização (c. 1) e do processo de “Doutoramento” (c. 2). Segue-se uma pequena biografia de Teresa de Lisieux (c. 3), uma análise da sua personalidade (c. 4), uma cronologia (c. 5) e uma apresentação dos seus escritos (c. 6). Partindo do ponto de vista doutrinal, oferece-se uma

visão geral da doutrina teresiano-lexoviense (c. 7), uma síntese da sua teologia (c. 8) e um exame das fontes dos seus ensinamentos (c. 9). A irradiação e actualidade de Teresa de Lisieux são examinadas sob três ângulos: acolhimento e apresentação da doutrina por parte do Magistério da Igreja (c. 10), irradiação e influência (c. 11) e, finalmente, actualidade da sua doutrina para a Igreja e para o mundo de hoje (c. 12). A *Positio* conclui salientando a “eminência” da doutrina de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face (c. 13). No fim da *Positio*, aparece a transcrição das Cartas Postulatórias do “Doutoramento” elaboradas pelas Conferências Episcopais e por personalidades eclesiásticas e leigas. Também se acrescentou uma bibliografia selecta (130 páginas), os votos de 5 teólogos designados pela Congregação para a Doutrina da Fé e de dois designados pela Congregação para a Causa dos Santos, e um Apêndice iconográfico, no qual Teresa aparece representada como Mestra e Doutora.

Depois de estudar a *Positio*, as Congregações para a Doutrina da Fé e para a Causa dos Santos, bem como o Consistório dos Cardeais, deram a sua aprovação para que a nossa irmã pudesse ser declarada Doutora da Igreja. O Santo Padre, João Paulo II, como já dissemos, tomou a decisão de o fazer e deu conhecimento do facto à Igreja universal, ao terminar a Jornada Mundial da Juventude, celebrada em Paris.

II - Teresa de Lisieux, Doutora para o terceiro milénio

8. Falar do Terceiro Milénio é falar, em primeiro lugar, de tempo e acção de Deus. Ele manifesta-se e actua na história. Já nos disse Teresa de Jesus que “para Deus conceder grandes favores a quem o serve, qualquer tempo é tempo” (*F* 4, 5). Estão quase a completar-se dois mil anos de história cristã. Ao celebrar este momento histórico “não se pretende induzir a um novo milenarismo, como fez alguém no final do primeiro milénio; pelo contrário, quer-se suscitar uma particular sensibilidade por tudo quanto o Espírito diz à Igreja e às Igrejas (cf. *Ap* 2, 7ss), como também aos indivíduos através dos carismas ao serviço da comunidade inteira... a humanidade, não obstante as aparências, continua a esperar a revelação

dos filhos de Deus e vive de tal esperança...”¹ Deus interpela-nos hoje, como ontem e sempre, para construir a nossa existência, pessoal e comunitária, como uma resposta livre e responsável.

9. Na perspectiva da celebração do Grande Jubileu do ano 2000, Deus suscitou na Igreja a consciência da necessidade de uma **nova evangelização** para responder a este tempo especial de graça e renovar a fé, a esperança e o amor centrados em Jesus, único Salvador e centro da história. Ele revela-nos o verdadeiro rosto de Deus e mostra-nos a presença e acção do Espírito Santo nas pessoas e no mundo.

A história é o lugar da presença operante e salvífica de Deus e da responsabilidade das pessoas. “A Igreja sublinha a importância da história como lugar onde Deus se manifesta... Mas é necessário dizer também que a Igreja considera que o tempo, a liberdade e a história são os lugares onde o homem constrói a existência humana... duas presenças num diálogo que, da parte de Deus, é gratuito e inicial e, da parte do homem, é aberto ao sentido do transcendente”.²

O momento de uma nova evangelização é também o momento dos grandes desafios do mundo. Não se podem separar estas duas coisas. Existem desafios por contraste e por harmonia com o evangelho que Jesus confiou à Igreja para anunciar e realizar na história. Estes desafios obrigam-nos a prestar toda a atenção à luz do evangelho.

A) As exigências da nova evangelização

10. Para fazer ecoar o anúncio do evangelho é preciso seguir alguns dos caminhos indicados na Encíclica *Redemptoris Missio*: o testemunho, o anúncio, a comunhão e o serviço.³ Convém tê-los presentes para compreender como a mensagem de Teresa de Lisieux, Doutora da Igreja, é essencial e actual.

¹ *Tertio Millennio Adveniente* (TMA), n. 23.

² A. Olival Junior, “Uma reflexão sobre o tempo; sentido do tempo milenar”, em VV.AA., *Rumo ao Terceiro Milénio* (São Paulo, 1997) p. 30.

³ Cf. nn. 41-60.

O testemunho

11. Evangelizar não consiste em transmitir uma doutrina, mas uma experiência feita vida. É justamente esta experiência que é comunicada: “o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão connosco” (1Jo 1, 1-3). Às portas do Terceiro Milénio, o mundo ao qual devemos dar testemunho, é um mundo de descrença e injustiça. Nós, cristãos, estamos chamados a “responder a todo aquele que nos perguntar pela razão da nossa esperança” (1Ped 3, 15). A pergunta consiste em saber como esta esperança e este testemunho se tornam inteligíveis na vida. Isto obriga a pessoa de fé a rever a sua vida pessoal e eclesial, porque “o homem contemporâneo crê mais nas testemunhas que nos mestres, mais na experiência que na doutrina, mais na vida e nas obras do que nas teorias”.⁴ Hoje o mundo é mais sensível ao testemunho evangélico que presta uma “atenção às pessoas e à caridade para com os pobres e os pequenos, para com os que sofrem”⁵ e defende a paz, a justiça e os direitos humanos.⁶

O anúncio

12. Ao lado do testemunho, o cristão realiza a sua missão evangelizadora através da proclamação da Boa Nova da salvação: Cristo morreu, ressuscitou e fez de nós filhos e filhas de Deus; libertou-nos da escravidão do mal, do pecado e da morte. Devemos anunciar o amor de Deus, nosso Pai, que nos convoca à comunhão com Ele. Todos os seres humanos são destinatários deste anúncio. No nosso tempo existem áreas que necessitam de uma atenção especial: as grandes cidades que favorecem o individualismo e o anonimato, a desagregação cultural, o pluralismo e a indiferença. De maneira particular os jovens precisam de ser evangelizados. Eles são o futuro do mundo. De igual modo urge fazer ecoar o anúncio do evangelho à multidão dos não praticantes. O anúncio aos que nunca ouviram falar de Jesus Cristo nem O conhecem, continua a ser actual e exigente.

⁴ *Ib.* n. 42.

⁵ *Ib.*

⁶ *Ib.*

A comunhão

13. “Contudo, aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente”.⁷ Com estas palavras, o Vaticano II afirmava com toda a clareza que a fé se vive em comunidade, que o fruto da evangelização e da acção do Espírito é a criação de comunidades fraternas que formam a nova família de Deus. O advento de Cristo manifesta-se na comunhão. “E sabemos que, pelo amor, fomos transferidos da morte para a vida (cf. *1Jo* 3, 14)... e da unidade dimana uma grande virtude apostólica”.⁸ A comunhão acontece na fé e nos sacramentos que realizam a “*koinonia*” aberta a todos, especialmente aos que crêem em Cristo, através de um ecumenismo activo e solidário. A comunhão exige o diálogo sincero e fraterno.

O serviço

14. A fé deve manifestar-se por obras porque em Cristo Jesus só tem valor “a fé que actua pela caridade” (*Gal* 5, 6). Servir a Deus e o próximo é a melhor prova de amor. A diaconia cristã não é outra coisa senão o seguimento de Jesus que “não veio para ser servido, mas para servir” (*Mt* 20, 28) e que esteve entre nós como quem serve (cf. *Lc* 22, 27). Desde o princípio do cristianismo houve destinatários privilegiados do serviço dos cristãos: os pobres, os marginalizados, os que sofrem. Por isso, na preparação do Grande Jubileu do ano 2000, João Paulo II, na sua carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, não duvidou em escrever: “Deve-se afirmar que o empenho pela justiça e pela paz num mundo como o nosso, marcado por tantos conflitos e por intoleráveis desigualdades sociais e económicas, é um aspecto qualificante da preparação e da celebração do Jubileu”.⁹

⁷ *LG*, 9.

⁸ *PC*, 15.

⁹ *TMA*, 51.

B) Teresa do Menino Jesus, Doutora para o Terceiro Milénio

15. É obrigatório começar com uma palavra de referência à tradição ou património espiritual que alimenta a experiência e doutrina de Teresa de Lisieux. O Carmelo – “deserto” no qual queria ingressar com a sua irmã Paulina – é a terra onde fixou as suas raízes desde pequena. Com a precocidade que define toda a sua “corrida de gigante”, deve-se dizer que ela “vive” a espiritualidade carmelitana muito antes de a ler formulada em Teresa de Jesus e, sobretudo, em João da Cruz. A profunda sintonia vocacional que ela manifesta, não se explica somente pela leitura dos seus escritos. Trata-se, sobretudo, de um fruto do Espírito Santo que, com a vocação ao Carmelo, a faz sua filha e a ajuda a viver uma experiência espiritual bem definida. Na experiência e doutrina teresiano-sãojoanista encontrará a riqueza e a confirmação da mesma.

16. Reparando bem na vida de Teresa de Lisieux e aprofundando os seus ensinamentos que são actuais e universais, podemos compreender qual o aspecto da sua experiência-doutrina que faz dela mestra e doutora da Igreja na perspectiva evangelizadora do Terceiro Milénio e que resume todos os outros: o amor paterno-materno de Deus.

Ela, guiada pelo Espírito Santo, foi levada a compreender a revelação do amor misericordioso de Deus, que resume em si todo o Evangelho. Deus é amor que se revela aos pobres e aos simples. Deus-amor convida-nos à comunhão com Ele e com o próximo e a servir os nossos irmãos como fez Jesus, para testemunhar e proclamar esta Boa Nova.

Doutora da experiência de um Deus próximo e misericordioso

17. Descobrir o rosto paterno-materno de Deus foi o ponto de partida do novo caminho para a santidade, que ela viveu, principalmente, a partir de 1894, na experiência da sua fraqueza. Jesus mostrou-lhe, como ela diz, que o caminho é o do abandono e da confiança de uma criancinha que adormece sem medo nos braços do seu Pai:

«Se alguém for pequenino, venha a mim», disse o Espírito Santo pela boca de Salomão. E este mesmo Espírito de Amor

disse ainda que ‘a misericórdia é concedida aos pequenos’. Em seu nome, o profeta Isaías revela-nos que no último dia... ‘como uma mãe acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei; levar-vos-ei ao colo e acariciar-vos-ei sobre os meus joelhos’... Jesus não pede grandes acções, mas apenas o abandono e a gratidão». ¹⁰

Esta experiência de Teresa de Lisieux é a experiência evangélica de um Deus Pai-Mãe que ama os injustos e os maus (cf. *Lc* 6, 35); que sabe do que precisamos mesmo antes de lho pedirmos; que nos perdoa e pede que perdoemos; que nos protege e cuida de nós (cf. *Mt* 6, 8-9. 14-15. 26). É aqui que se encontra a passagem do temor à confiança. Estamos diante de Deus como filhos e filhas diante do pai e da mãe. Deus serve-se de tudo para nosso bem, apesar das nossas deficiências e dos nossos erros. Reconhecer Deus Pai-Mãe requer um coração de criança que decide permanecer pequeno:

«O que agrada a Deus é ver-me amar a minha pequenez e a minha pobreza, é a esperança cega que tenho na sua misericórdia... Só a confiança, e nada mais do que a confiança, tem de conduzir-nos ao Amor». ¹¹

Na raiz de toda a sua vocação cristã está a iniciativa do Senhor. Os que são chamados, respondendo ao chamamento de Deus, entregam-se ao seu amor e fazem a entrega incondicional da sua vida, consagrando tudo, o presente e o futuro, nas suas mãos. Tudo isto é da maior importância na espiritualidade cristã para o Terceiro Milénio.

Doutora da experiência do amor de Deus que se transforma em comunhão e serviço

18. A experimentação é a característica principal de um mundo técnico-científico. Todas as coisas devem ser experimentadas, sobre qualquer ponto de vista. A espiritualidade cristã não foge a esta necessidade. O testemunho e a experiência constituem o centro da vida cristã. Hoje isto reveste-se de particular importância. Assistimos a uma reacção contra um exagerado intelectualismo em matéria de fé e de religião. Embora esta busca da experiência possa correr o risco do subjectivismo

¹⁰ *Ms B*, 1r-v.

¹¹ *Carta* 197, à Irmã Maria do Sagrado Coração, 17 de Setembro de 1896.

e de um certo infantilismo espiritual, não pode ser, no entanto, ignorada. As experiências espirituais são fonte de conhecimento e de aprofundamento na relação com Deus.

Teresa de Lisieux é mestra de uma autêntica experiência de Deus toda voltada para o seguimento de Jesus. Ela ensina-nos o exercício do encontro com a palavra de Deus, o sentido da fraternidade que Cristo nos comunica e a exigência de respostas concretas guiadas pelo amor.

19. A tendência eclesial da espiritualidade de hoje fala-nos da comunhão de todos em Cristo e no Espírito. Devemos colocar todos os dons que possuímos ao serviço da comunidade dos que crêem. Os vestígios da experiência e doutrina de Teresa de Lisieux estão hoje bem presentes nesta dimensão da espiritualidade e da evangelização. Teresa vive para a Igreja, Corpo de Cristo. Nela deseja viver todas as vocações para testemunhar e anunciar o Evangelho nos lugares mais distantes da terra, até que, meditando os capítulos 12 e 13 da primeira Carta aos Coríntios, descobre a sua vocação e missão na Igreja:

«Ó Jesus, meu Amor! encontrei finalmente a minha vocação: a minha vocação é o Amor!...

Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, e esse lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes... No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor... Assim serei tudo..., assim o meu sonho será realizado!!!...».¹²

20. Teresa de Lisieux, que viveu totalmente centrada em Deus como o único absoluto, dialogou com Ele na oração assumindo as necessidades dos seus irmãos e irmãs. A partir deste diálogo, entregou-se aos outros e viveu a sua vocação para a salvação do mundo. No *Manuscrito C*, Teresa dá uma preciosa orientação para uma autêntica espiritualidade no compromisso da nova evangelização:

«Assim como uma torrente, lançando-se impetuosamente no oceano, arrasta consigo tudo o que encontrou no seu percurso, do mesmo modo, ó meu Jesus, a alma que mergulha no oceano sem limites do vosso amor, leva com ela todos os tesouros que possui... Senhor, bem o sabeis, não tenho mais nenhum tesouro a não ser as almas que Vos aprouve unir à minha».¹³

¹² Ms B, 3v.

¹³ Ms C, 34r.

Esta convicção de Teresa de Lisieux, de que a autenticidade do nosso amor a Deus se manifesta na qualidade do amor ao próximo, certamente teve influência na espiritualidade do compromisso evangelizador. A sua experiência e a sua doutrina ensinaram aos cristãos que, como nos círculos concêntricos, a dimensão do amor fraterno vai-se abrindo a horizontes cada vez mais amplos, como uma expansão que nasce do amor de Deus. O primeiro círculo é o dos que estão mais próximos, o mais amplo é o da humanidade inteira. A confiança e o abandono em Deus Pai-Mãe são, em Teresa de Lisieux, a fonte da sua caridade fraterna e do apostolado, expressão de amor a todos, querendo transmitir-lhes a Boa Nova da salvação.

Teresa de Lisieux transforma em vida a exigência evangélica do serviço aos pequenos e aos pobres, nos quais se revela o rosto de Cristo (cf. *Mt* 25, 31-45). A eles, com efeito, é que Deus se revela duma maneira especial (cf. *Mt* 11, 25-27). Neste serviço, é preciso estar dispostos a dar a vida pelo próximo, como Cristo, que pede ao Pai, se possível, que afaste dele o cálice do sofrimento e da paixão, mas permanece obediente e disponível para cumprir a sua vontade.

Doutora do caminho evangélico da santidade

21. Na conclusão da Encíclica *Redemptoris Missio*, onde se explica o valor permanente do mandamento missionário de Cristo, João Paulo II afirma: “O chamamento à missão deriva da vocação à santidade... A vocação universal à santidade está estreitamente vinculada à vocação para a missão: todos os fiéis são chamados à santidade e à missão... A espiritualidade missionária da Igreja é um caminho para a santidade”.¹⁴

Teresa de Lisieux transformou esta doutrina em experiência vivida. Por esta razão foi proclamada padroeira universal das missões juntamente com o grande apóstolo S. Francisco Xavier e a sua doutrina-experiência é de grande actualidade para a nova evangelização. Ela entra no Carmelo para alcançar, através da sua vida contemplativa, a santidade: Deus «fez-me compreender também que a minha própria glória não apareceria aos olhos mortais, que consistiria em me tornar

¹⁴ *RM*, 90.

uma grande Santa!!!».¹⁵ Desde o princípio teve a convicção de que entrava no Carmelo não para fugir do mundo, mas para nele penetrar mais profundamente. A sua experiência espiritual não é a procura de um refúgio perante um mundo hostil, antes um oferecimento consciente para o martírio.

22. «Um renovado empenho de santidade das pessoas consagradas é hoje mais necessário do que nunca... É necessário, por conseguinte, suscitar em cada fiel um verdadeiro anseio de santidade, um forte desejo de conversão e renovação pessoal num clima de oração cada vez mais intensa e de solidário acolhimento do próximo, especialmente do mais necessitado».¹⁶ Teresa de Lisieux une admiravelmente a santidade e a missão, verdadeira contemplação que compromete na evangelização, a partir da própria identidade vocacional. Propõe assim, sem dicotomias, um caminho evangélico para testemunhar e anunciar a Boa Nova frente aos desafios do momento actual.

Sintetizando a santidade no amor, Teresa ajuda a ultrapassar a separação entre contemplação e acção, porque é o amor que une as duas dimensões. Ela entrou na vida contemplativa para conseguir uma maior eficácia apostólica. Desta forma, revolucionou a relação entre ascética e mística. Pôs a tónica nesta última, enquanto exige a abnegação evangélica vivida no dia a dia. Por isso, acima das mortificações corporais colocou a mortificação que provém do serviço aos irmãos: a capacidade de acolher, de compreender, de perdoar, de ajudar e de ser solidária. Tudo isto são grandes ensinamentos para se viver a espiritualidade da nova evangelização.

Doutora do caminho para a integração da pessoa

23. Teresa de Lisieux, como todo o ser humano, esteve sujeita aos condicionamentos próprios da vida humana. Viveu a experiência de um processo libertador desde um ponto de vista psicológico que a conduziu à aceitação de si mesma e, portanto, lhe deu a capacidade de acolher, com uma integral maturidade, todas as limitações impostas pela sua história pessoal.

¹⁵ *Manuscrito A*, 32r.

¹⁶ *VC*, 39.

No mundo actual acentuam-se fortemente as tensões internas, as feridas espirituais e os condicionamentos de qualquer tipo que, tantas vezes, impedem a realização das pessoas. Teresa de Lisieux aprendeu a assumir a sua própria vida limitada, imperfeita, condicionada pelo ambiente social, religioso e familiar, libertando-se, deste modo, do seu domínio para se converter, com a graça de Deus, numa pessoa livre que descobre o Deus de Jesus Cristo, fiel e misericordioso. Desta maneira ensina-nos a servirmo-nos de tudo para crescer e amadurecer humana e cristãmente.

24. Teresa do Menino Jesus e da Santa Face teve que lutar para vencer tudo aquilo que a impedia de ser ela mesma. No seu caminho de amadurecimento humano experimenta o trauma da morte da mãe que a afecta profundamente.¹⁷ O amor a Deus e a amizade para com Ele despertaram nela um dinamismo libertador, capaz de orientar todos os condicionamentos para a integração da pessoa humana.

Entre os quatro e os quatorze anos vive um período doloroso. Deve enfrentar o ambiente escolar que, de certo modo, se lhe apresenta agressivo e depois a entrada da sua irmã Paulina no Carmelo, sua segunda mãe. Como consequência desta separação, adoece gravemente. Trata-se de uma doença psicossomática. A seguir é atormentada pelos escrúpulos.¹⁸

Todos estes sofrimentos afectavam a sua hipersensibilidade: “quando começava a consolar-me pelo facto em si mesmo, chorava por ter chorado”.¹⁹ Vivia fechada num círculo vicioso sem saber como sair.

Quando começa a percorrer o caminho do amor e da entrega a Jesus, na noite de Natal de 1886, cura totalmente a sua hipersensibilidade. Doravante, liberta-se dos apegos inconscientes que a levavam a fechar-se em si mesma. Pode abrir-se amplamente para a vida: estudos, contactos, natureza, viagens...

25. Para o homem e a mulher de hoje, atormentados por tantas experiências negativas no ambiente familiar e social, que os conduzem a um sentimento de angústia e insegurança diante do futuro, Teresa de

¹⁷ Cf. *Manuscrito A*, 13r.

¹⁸ *Ib.*, 39r.

¹⁹ *Ib.*, 44v.

Lisieux mostra que o medo frente à incerteza de cada dia é vencido pela abertura ao amor de Deus e do próximo. Sabendo que existe um Deus pai misericordioso, que acompanha com o seu amor e providência todos os seus filhos e filhas, é que se encontra a paz. A Santa apresenta ao mundo, doente de medo e de angústia, o remédio do amor e da confiança em Deus e do serviço e entrega aos outros. Ela descobriu e transmitiu-nos a verdade profunda de um Deus misericordioso que deseja comunicar-se plenamente a todos quantos se voltam para Ele.

Doutora da fé para o mundo da incredulidade

26. Um dos âmbitos onde a actualidade da doutrina de Teresa de Lisieux transparece limpidamente é o do ateísmo e da incredulidade. Já o Concílio Vaticano II, analisando o fenómeno do ateísmo contemporâneo, dizia que esta palavra indicava realidades muito diversas: “Enquanto alguns negam expressamente Deus, outros pensam que o homem não pode afirmar seja o que for a seu respeito; outros ainda, tratam o problema de Deus de tal maneira que ele parece não ter significado... Outros, concebem Deus de uma tal maneira, que aquilo que rejeitam não é de modo algum o Deus do Evangelho... Além disso, o ateísmo nasce muitas vezes dum protesto violento contra o mal que existe no mundo”.²⁰

Deus quis que a experiência espiritual de Teresa de Lisieux fizesse dela uma interlocutora existencial com o mundo da incredulidade. Ela conheceu a prova da fé num mundo que, em nome da ciência e do racionalismo, negava a existência de Deus voltando-se para o ateísmo.

27. Actualmente os não-crentes diferenciam-se dos do tempo da Santa. São os agnósticos ou os indiferentes que andam à procura de motivos para dar sentido à vida depois de terem experimentado a frustração do fracasso, da modernidade e dos sistemas ateus e materialistas. De um modo confuso sentem um apelo para o absoluto que preenche o seu vazio existencial e satisfaz as suas aspirações.

Teresa de Lisieux enfrenta o problema da angústia diante da morte, que se encontra também na base do ateísmo; interroga-se sobre a existência de Deus e de uma outra vida. A Santa viu-se de repente

²⁰ GS, 19.

submergida no abismo desses sofrimentos e experimenta em si própria a provação da fé, a angústia do nada. Vive a privação do que ela chamava “o gozo da Fé” ou “gozar esse belo Céu sobre a terra”.²¹ Penetra num mundo cheio de trevas que a rodeiam e desorientam. Parece-lhe ouvir vozes que lhe dizem: “pensas sair um dia dos nevoeiros que te rodeiam... Continua! Continua! Alegra-te com a tua morte, que te dará, não o que tu esperas, mas uma noite mais profunda ainda, a noite do nada”.²²

28. Apesar desta situação, Teresa de Lisieux conserva a fé e o amor. Assim, a sua experiência de noite escura da purificação transforma-se em solidariedade dinâmica e fecunda com os que se encontram imersos na incredulidade. Antes de passar pela provação de fé, ela afirma não poder imaginar que existissem pessoas que não acreditassem: “Não podia crer que houvesse ímpios que não tivessem fé. Julgava que falavam ao contrário do que pensavam ao negarem a existência do Céu”. Depois da sua dolorosa experiência, convence-se do contrário: “Nos dias tão alegres do tempo pascal, Jesus fez-me compreender que há verdadeiramente almas que não têm fé”.²³

Envolvida pela escuridão mais profunda, a Santa não deixa de amar Aquele em quem confia. O seu drama nasce pelo facto de viver simultaneamente a luz da fé e as trevas dos incrédulos. É então quando compreende que Deus quer que ela ofereça pelos incrédulos os sofrimentos que vive no amor, sentando-se à mesa com os pecadores e comendo com eles o pão da provação.²⁴

Existem testemunhos eloquentes de conversões à fé a partir da leitura dos escritos de Teresa de Lisieux, onde muitos encontraram o verdadeiro rosto de Deus e, ao mesmo tempo, a luz para o drama da sua busca no meio das trevas e para a tentação da incredulidade. Isto confere actualidade à sua mensagem para os que andam longe, para os incrédulos e os indiferentes.

²¹ *Ms C*, 7r.

²² *Ib.*, 6v.

²³ *Ib.*, 5v.

²⁴ Cf. *Ms C*, 6r.

Teresa de Lisieux mulher, Doutora da Igreja

29. A experiência e a doutrina de Teresa de Lisieux adquirem um valor especial nos nossos dias quando se vão abrindo novas perspectivas de presença e acção para a mulher na sociedade e na Igreja. A mulher é chamada a ser “um sinal da ternura de Deus para com o género humano”,²⁵ e a enriquecer a humanidade com o seu “génio feminino”. A jovem carmelita de Lisieux realizou ambas as coisas na sua vida e delas deixou claros e abundantes traços nos seus escritos. Teresa do Menino Jesus transmite a sua experiência espiritual com o seu estilo feminino, concreto, directo e próximo. Embora condicionada pela época em que viveu, não deixa de manifestar a sua convicção evangélica na igualdade entre o homem e a mulher, e na importância de uma colaboração mútua como discípulos de Jesus. Isto aparece, acima de tudo, na sua correspondência com os seus irmãos missionários; partilha com eles as suas experiências humanas espirituais e não vacila em expor-lhes o seu modo de pensar sobre temas teológicos e de experiência cristã: a sua ideia da justiça de Deus, o caminho da infância espiritual e a confiança na misericórdia divina.

30. O seu feminismo, como o de Teresa de Jesus, desemboca num maior compromisso com o evangelho, para além dos preconceitos que marginalizavam a mulher do seu tempo. Teresa de Lisieux conheceu a situação da mulher na sociedade e na Igreja dos fins do século XIX. No *Manuscrito A*, narra com clareza e sentido de humor, aquilo que experimentou durante a sua viagem a Roma, antes de entrar no Carmelo:

«Não consigo ainda compreender porque é que as mulheres são tão facilmente excomungadas em Itália! A todo o momento nos diziam: “Não entrem aqui..., não entrem além, que ficariam excomungadas!...” Ah! pobres mulheres! Como são desprezadas!... Não obstante, amam a Deus em muito maior número do que os homens. E durante a Paixão de Nosso Senhor, as mulheres tiveram mais coragem que os Apóstolos, porque arrostaram com os insultos dos soldados e ousaram enxugar a Face adorável de Jesus».²⁶

A sua condição de mulher, que expressa com a frescura e a sinceridade de uma pessoa livre, leva-a a uma reflexão evangélica: esta

²⁵ VC, 57.

²⁶ Ms A, 66v.

marginalização da mulher fá-la participar mais de perto do desprezo de que Jesus foi objecto na sua paixão. As mulheres tiveram o mérito de enxugar o rosto de Cristo. “É talvez por isso que Ele permite que o desprezo seja o quinhão delas sobre a terra, pois também o escolheu para si próprio... No Céu bem saberá mostrar que os seus pensamentos não são os dos homens, porque então as *últimas* serão as *primeiras*...». ²⁷ Jesus fez delas as primeiras testemunhas da ressurreição.

31. A mulher, que hoje conquista espaços de maior participação na sociedade e na Igreja, encontra certamente em Teresa de Lisieux um estímulo para viver, como afirma João Paulo II, “uma cultura da igualdade entre o homem e a mulher”. Por outro lado, como foi pedido por Hans Urs von Balthasar por ocasião das celebrações do primeiro centenário do nascimento de Teresa de Lisieux, com a sua mensagem ela abriu o campo teológico à reflexão feminina: “A teologia das mulheres nunca havia sido levada a sério, nem assimilada pelas instituições. Todavia, depois da mensagem de Lisieux, seria necessário pensar nisso na actual reconstrução da teologia dogmática”. ²⁸

Isto responde ao que o documento pós-sinodal *Vita Consecrata* apresenta como novas perspectivas para a mulher na Igreja, ao dizer: “Na verdade, no campo da reflexão teológica, cultural e espiritual, muito se espera do «génio» da mulher no que diz respeito não só à especificidade da vida consagrada feminina, mas também à inteligência da fé em todas as suas expressões”. ²⁹

Conclusão

32. Deus surpreende-nos novamente com esta nossa Irmã, com quem tantos esquemas da lógica humana se desmoronaram, para acentuar a iniciativa divina que escolhe a quem quer e quando quer para realizar as suas obras e manifestar a grandeza do seu poder e da sua acção em

²⁷ *Ib.*

²⁸ Citado por G. Gaucher, *Actualité de Sainte Thérèse de Lisieux*, em *Thérèse de Lisieux et les missions. Mission et contemplation* (Kinshasa, 1996) p. 127.

²⁹ VC, 58.

quem se abre confiadamente ao seu amor misericordioso para cumprir a sua vontade.

Com a proclamação do doutoramento de Teresa de Lisieux, o Senhor confirma-nos o que o Antigo Testamento afirmava e que o Novo Testamento veio apresentar em plenitude: Deus revela-se aos simples, dá-lhes a sua sabedoria e revela-lhes os segredos da sua vida e da sua acção na história. De facto, o livro da *Sabedoria* afirmava, ao aproximar-se a vinda de Jesus: “A honra da velhice não consiste numa longa vida, e não se mede pelo número de anos. Mas a inteligência é que faz os cabelos brancos, e a verdadeira velhice é uma vida imaculada. Ele agradou a Deus e foi por Ele amado... Chegado rapidamente à perfeição, viveu uma larga vida” (*Sab* 4, 8-10. 13). No evangelho de *Lucas*, Jesus, cheio do Espírito Santo, proclama a lógica divina, tão diferente da nossa: “Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque tudo isso foi do Teu agrado” (*Lc* 10, 21).

33. O Senhor, Pai das luzes, de quem procede toda a boa dádiva e todo o dom perfeito (cf. *Tgo* 1, 17), com o Doutoramento de Teresa de Lisieux, concedeu mais um dom ao Carmelo. É um dom gratuito que exige uma resposta de amor e de entrega generosa à nossa vocação e missão na Igreja e no mundo. Que a nossa irmã Teresa de Lisieux nos alcance do Senhor a graça de sermos seus colaboradores no testemunho e no anúncio da Boa Nova para os nossos irmãos e irmãs do Terceiro Milénio como autênticos seguidores de Jesus e em comunhão com Maria, a primeira que recebeu a alegre notícia da salvação e a proclamou com a alegria de descobrir que Deus se dá gratuitamente aos pobres, aos humildes e aos simples.

Roma, 01 de Outubro de 1997

Fr. Camilo Maccise, OCD *Fr. Joseph Chalmers, O.Carm.*

**«O AMOR PATERNO-MATERNO
DE DEUS
é o aspecto
da experiência e da doutrina
que faz de
Teresa do Menino Jesus
**mestra e doutora
da Igreja**
na perspectiva evangelizadora
do
Terceiro Milénio
e resume todos os outros».**

(*Uma Doutora para o Terceiro Milénio*, Carta dos Superiores Gerais O.Carm e OCD, por ocasião do Doutoramento de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, nº 16).

QUEM E QUANTOS SÃO OS «DOCTORES» DA IGREJA?

A Liturgia, na sua secção dedicada a celebrar a festa dos Santos, tem um apartado especial para os seus «santos doutores», ao lado dos «apóstolos» e dos «mártires». Basta folhear o santoral cristão para os descobrirmos ao longo do ciclo litúrgico.

I - Os quatro grandes Doutores da época Patrística do Oriente:

- S. Atanásio, bispo de Alexandria, séc. IV
- S. Basílio, bispo de Cesareia, séc. IV
- S. Gregório de Nazianzo, bispo de Nazianzo, séc. IV
- S. João Crisóstomo, bispo de Constantinopla, séc. IV-V.

II - Os quatro grandes Doutores da época Patrística do Ocidente:

- S. Ambrósio, bispo de Milão, séc. IV
- S. Agostinho, bispo de Hipona, séc. IV-V

-S. Jerónimo, monje em Belém, séc. IV-V

-S. Gregório Magno, papa, séc. VI-VII.

III - Os Doutores proclamados antes do séc. XX:

-S. Hilário, bispo de Poitiers, séc. IV (proclamado em 1851)

-S. Cirilo, bispo de Jerusalém, séc. IV (proclamado em 1882)

-S. Cirilo, bispo de Alexandria, séc. V (proclamado em 1882)

-S. Leão Magno, papa, séc. V (proclamado em 1754)

-S. Pedro Crisólogo, bispo de Ravena, séc. V (proclamado em 1728)

-S. Isidoro, bispo de Sevilha, séc. VII (proclamado em 1722)

-S. Beda Venerável, monje inglês, séc. VII-VIII (proclamado em 1899)

-S. João Damasceno, monje de Damasco, séc. VIII (proclamado em 1893)

-S. Pedro Damiano, bispo de Óstia, séc. XI (proclamado em 1828)

-S. Anselmo de Aosta, bispo de Cantorbery, séc. XI-XII (proclamado em 1720)

-S. Bernardo, monje de Claraval, séc. XII (proclamado em 1850)

-S. Tomás de Aquino, dominicano, séc. XIII (proclamado em 1568)

-S. Boaventura, franciscano, séc. XIII (proclamado em 1588)

-S. Lourenço de Brindes, capuchinho, séc. XVII (proclamado em 1859)

-S. Francisco de Sales, bispo de Genebra, séc. XVII (proclamado em 1877)

-S. Afonso Maria de Ligório, bispo de Nápoles, séc. XVIII (proclamado em 1871).

IV - Os Doutores proclamados na primeira metade do séc. XX:

- S. Efrém Siro, diácono de Edessa, séc. IV (proclamado em 1920)
- S. António de Lisboa, franciscano, séc. XIII (proclamado em 1946)
- S. Alberto Magno, dominicano, bispo de Colónia, séc. XIII (proclamado em 1931)
- S. Pedro Canísio, jesuíta holandês, séc. XVI (proclamado em 1925)
- S. João da Cruz, carmelita descalço, séc. XVI (proclamado em 1926)
- S. Roberto Belarmino, jesuíta, séc. XVII (proclamado em 1931).

V - As primeira mulheres doutoras da Igreja proclamadas após o Concílio Vaticano II:

- Santa Teresa de Jesus, carmelita descalça, séc. XVI (por Paulo VI em 1970)
- Santa Catarina de Sena, terceira dominicana, séc. XIV (por Paulo VI em 1970)
- Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, carmelita descalça, séc. XIX (por João Paulo II em 19/10/1997).

VI - É interessante notar o seguinte:

- São 32 os santos doutores, e com Santa Teresinha são 33.
- Santas doutoras da Igreja, só 3, proclamadas após o Concílio Vaticano II.

-O período mais fecundo foi o séc. IV, com 10.

-Só há um «santo doutor» moderno, e a mais jovem, com apenas 24 anos: Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face.

OS QUE AMARAM E SEGUIRAM

TERESA*

AGOSTINHO LEAL

I - Santos e Beatos que foram profundamente marcados pela vida e mensagem de Teresa

S. RAFAEL KALINOWSKI, carmelita descalço (1835-1907), canonizado em 1991. No princípio Teresa parecia-lhe um pouco «choramingas». Mas Teresa concede-lhe uma grande graça e, em 1902, o santo escreve uma carta «de desagravo» ao Carmelo de Lisieux.

SANTA TERESA DE JESUS DOS ANDES (JUANITA FERNANDEZ SOLAR), noviça carmelita (1900-1920), canonizada

* Estes dados foram extraídos da *Positio*, o livro da Congregatio de Causis Sanctorum, *Concessionis Tituli Doctoris Ecclesiae Universalis, S. Teresiae a Iesu Infante et a Sacro Vultu, Moniali Professae Ordinis Carmelitarum Discalceatorum In Monasterio Lexoviensi*, Cabellione, Ex. Typis Rogeri Rimbaud, A.D. 1997.

em 1993, e conhecida também como «*a pequena Teresa do Chile*» por se parecer à de Lisieux.

BEATA ISABEL DA TRINDADE (ISABEL CATEZ), carmelita de Dijón (1880-1906). Assídua leitora de *História de uma Alma*, entra no Carmelo, em 1901, abandonando a carreira de piano. Foi beatificada em 1984.

BEATA TERESA BENEDITA DA CRUZ (EDITH STEIN), carmelita (1891-1942). De origem judia, professora, filósofa e discípula de Husserl, convertida depois de ter lido Teresa de Ávila. Entra no Carmelo de Colónia em 1933. Morre nos campos de concentração de Auschwitz. Foi beatificada em 1987 e o Papa João Paulo II não hesitou em conceder-lhe o título de «mártir». Será canonizada no próximo dia 11 de Outubro de 1998, na Praça de S. Pedro, em Roma. A influência de Santa Teresa de Lisieux foi muito grande, a julgar por umas palavras que escreveu, pouco tempo antes de entrar no Carmelo, a uma amiga que lhe tinha confessado «que não gostava do estilo da *História de uma Alma*».

BEATO DANIEL BROTTIER (1887-1936), missionário dos Padres do Espírito Santo, no Senegal. Protegido por Santa Teresinha durante a guerra de 1914-1918. Em 1923 é nomeado Director da Obra dos Órfãos Aprendizes de Auteuil. Confia esta obra a Santa Teresinha e dedica-lhe uma igreja em Paris. Beatificado em 1984.

S. MAXIMILIANO-MARIA KOLBE (1870-1941). Este franciscano morre num campo de concentração em Auschwitz. Foi canonizado em 1982. Durante os seus estudos em Roma (1912-1919), lê diariamente a *História de uma Alma*. Promete rezar pela canonização da Irmã Teresa em cada missa que participe e confia-lhe os seus projectos no dia da sua primeira missa (1918). No dia 16 de Fevereiro de 1941, véspera da sua prisão pelos nazis, ele ainda fala da Santa de Lisieux, como testemunha o Irmão Marcel Pisarek.

BEATA SOR FAUSTINA KOWALSKA, polaca, religiosa da Congregação da Divina Mãe da Misericórdia (1905-1938). Apaixonada pelo Amor Misericordioso que Teresa lhe tinha revelado. Ela conta o sonho maravilhoso no qual viu Santa Teresa do Menino Jesus e com quem dialogou. A resposta de Teresa: «“-Sim, tu serás santa como eu. Mas tens de confiar muito em Jesus”. Foi um sonho, mas tem o seu significado». Foi beatificada em 1993.

II - Outras personalidades, cuja causa de beatificação está aberta, amaram Teresa e viveram a sua espiritualidade...

O P. LAGRANGE (1855-1938), dominicano, fundador da Escola Bíblica de Jerusalém, dizia que Teresa o impediu de ser uma «velha estante» de biblioteca.

O P. MARIA EUGÉNIO DO MENINO JESUS (1894-1967), carmelita, autor de «*Quero ver a Deus*», fundador do Instituto Secular «Notre Dame de Vie», descobriu Teresa em 1908. Leu-a e pregou a doutrina do pequeno *Caminho da Infância Espiritual* durante toda a sua vida.

P. JOÃO VICENTE (1862-1943), carmelita, grande missionário, especialmente na Índia, fundador da revista *Obra Máxima*, cujo objectivo é suscitar e manter o ardor missionário em Espanha. Nos últimos cinco anos da sua vida, reduzido à inactividade (por causa dum ataque de paralisia em 1935), oferece os seus sofrimentos pela salvação das almas «à maneira da pequena Teresa».

MARTA ROBIN (1902-1981), leiga, estigmatizada desde 1930, revive a Paixão de Cristo cada semana da sua vida. Fundadora dos Lares de Caridade, lugares de retiro onde se ensina a vida cristã às gentes

simples. Está muito agradecida a Teresa. «Eu amo a Teresa de Menino Jesus... Fez-me compreender que, depois da sua morte, não ficaria inactiva. Quando disse que, depois de morrer, todos a amariam, não se enganava».

P. GABRIEL MARTIN (1873-1949), fundador de três Congregações teresianas. Muitas obras fazem eco dos seus ensinamentos sobre a doutrina e espiritualidade de Santa Teresa do Menino Jesus: *O Pequeno Caminho*; *O Rosário do Amor*; *Três Panegíricos*; *As Glórias de Santa Teresa*; *O bom Deus como Santa Teresa do Menino Jesus*; *Para amar a Virgem Santa Maria como Santa Teresa do Menino Jesus*; *Santa Teresa, Padroeira da França*; *O Cântico da Santa do Amor*; etc.

III - E para citar outras personalidades

Evoquemos o **CARDEAL SUHARD**, **D. CHAUTARD**, **D. LEHODEY**, **TOMÁS MERTON**, **O P. POPPE**, **O «PEQUENO» IRMÃO VAN** do Vietname, **MADRE TERESA DE CALCUTÁ**, Missionária da Caridade, **o P. LOUIS BOUYER**, do Oratório de França, **HENRI BERGSON**, **MAURICE BLONDEL**, **JACQUES MARITAIN**, **JEAN DAUJAT**... e tantos outros que foram os discípulos de Teresa...

IV - O Magistério dos Papas

PIO X (1903-1914)

A expressão mais característica pronunciada pelo Papa S. Pio X, e enviada a um bispo missionário que lhe tinha oferecido um presente com a foto da Serva de Deus, foi: «Eis aqui a maior santa dos tempos

modernos»¹. A quem lhe observava que Teresa do Menino Jesus não tinha nada de extraordinário, Pio X respondia: «Ah! é precisamente esta grande simplicidade o que nela existe de mais extraordinário e visível na sua alma. Estudai novamente a vossa Teologia».²

BENTO XV (1914-1922)

No dia 14 de Agosto de 1921, aprovava o Decreto das virtudes heróicas de Teresa do Menino Jesus. Num discurso, preparado por ele mesmo, pois conhecia e estimava a doutrina da carmelita de Lisieux, afirmou:

«Não há ninguém que conheça um pouco a vida da «pequena Teresa», que não unisse a sua voz ao admirável coro que proclama esta vida toda caracterizada pelos méritos da *infância espiritual* (...) Não é demais acentuar as qualidades desta *infância espiritual*, tanto naquilo que exclui como naquilo que supõe. Na verdade, ela exclui o sentimento soberbo de si mesmo, a presunção de alcançar, pelos meios humanos, um fim sobrenatural e a falaciosa veleidade de bastar-se a si mesmo na hora do perigo e da tentação. Por outro lado, ela supõe uma fé viva na existência de Deus, uma homenagem prática ao seu poder e à sua misericórdia, um apelo confiante à Providência d’Aquele que nos outorga a graça de evitar todo o mal e obter todo o bem. Assim as qualidades desta *infância espiritual* são extraordinárias, quer para quem as considera do ponto de vista negativo, quer para quem as estuda do ponto de vista positivo, e compreende-se, portanto, que Nosso Senhor Jesus Cristo as tenha indicado como condição necessária para adquirir a vida eterna»³.

E depois de ter fundamentado esta infância espiritual na Palavra de Jesus (*Mt* 18, 3 e *Lc* 18, 17), o Papa prosseguia:

«Discípula duma Ordem religiosa na qual a glória dos doutores é apanágio do sexo fraco, ela não se alimentou de grandes estudos; no entanto, aprendeu tanta ciência por si mesma que a indicava aos outros

¹ *Les Annales de Sainte Thérèse de Lisieux*, 27 (1951) Juillet, p. 6.

² *Ibid.*

³ *Vie Thérésienne*, 1.c., p. 268-269.

como verdadeiro caminho de salvação. Mas donde lhe vinha esta copiosa colheita de valores, onde é que ela colheu tantos frutos maduros? No jardim da *infância espiritual*. E este grande tesouro de doutrina? Dos segredos que Deus revela aos pequeninos!».⁴

PIO XI (1922-1939)

A união entre Pio XI e Teresa de Lisieux é muito profunda. Ela era a estrela do seu Pontificado. É o próprio Papa que assim lhe chama, em 11 de Fevereiro de 1923, aquando da promulgação do Decreto da aprovação dos milagres para a Beatificação: «a querida *Estrela* que é Teresa do Menino Jesus, milagre de virtudes e prodígio de milagres». ⁵

A 19 de Março de 1923, por ocasião do Decreto *Tuto* para a Beatificação, Pio XI definia «a Venerável Teresa do Menino Jesus, verdadeira *Flor de amor vinda do céu à terra para maravilhar o céu e a terra*. É um coração, é uma alma ternamente infantil e, ao mesmo tempo, apostólica até ao heroísmo; ela está toda preenchida, toda vibrante do Amor de Deus, e do Amor de Jesus, dum amor terno e forte, simples e profundo, que lhe inspira movimentos de abandono filial, e gestos extraordinários de Apóstolo e de Mártir». ⁶

Pio XI ficou radiante por poder beatificá-la no dia 29 de Abril de 1923. No dia seguinte, o Papa recebia em audiência os peregrinos franceses e mais uma vez desenvolve os pontos que lhe eram mais caros e habituais ao falar de Teresa como Palavra de Deus:

«Por Ela, o bom Deus mostra-nos bem as coisas que foram a sua palavra viva: Ele diz-nos quais são as verdadeiras, os grandes valores aos seus olhos: não são as grandezas exteriores e as pompas deste mundo, nem os tesouros da terra, nem qualquer dos bens daqui de baixo que parecem bastar-se a si mesmos [...]. Esta é a bela lição que a «pequena Teresa» nos dá: agradar ao bom Deus, amar o bom Deus, agradar-lhe e amá-lo cumprindo a sua vontade. E esta pode-se fazer tanto no meio dos ruídos do mundo como no silêncio do claustro». ⁷

⁴ *Ibid.*, p. 270-271.

⁵ AAS 15 (1923) 228-231 - Vie Thérésienne, l.c., p. 279.

⁶ *Vie Thérésienne*, l. c., p. 284.

⁷ *Ibid.*, p. 291.

Na homilia da Missa da Canonização, a 17 de Maio de 1925, o Santo Padre aprofundava a doutrina da infância espiritual indicando as fontes bíblicas e teológicas:

«A jovem Santa Teresa encheu-se desta *doutrina evangélica* e praticou-a na sua vida. Mais ainda, este Caminho da infância espiritual, ela ensina-o com as suas palavras e o seu exemplo às noviças do seu Mosteiro, e revelou-o a todos através dos seus escritos que se estenderam por toda a terra [...]. Não nos admiramos por, nesta Santa Monja, se haver cumprido a palavra de Cristo: ‘Todo aquele que se fizer pequeno como uma criança, será o maior no Reino dos Céus’ (Mt 18, 4). Por isso, quis a divina Bondade dotá-la e enriquecê-la com um *dom de Sabedoria completamente excepcional*. Ela tinha bebido com abundância nas lições do Catecismo a pura doutrina da Fé, a do ascetismo no Livro da Imitação de Cristo, a da mística nos escritos do seu Pai S. João da Cruz. Sobretudo, ela alimentava o seu espírito e o seu coração na meditação assídua da Sagrada Escritura, e o Espírito da Verdade descobre-lhe e ensina o que Ele normalmente oculta aos sábios e aos prudentes e revela aos humildes. Ela adquire uma tal ciência das coisas sobrenaturais, que pôde traçar aos outros um caminho seguro de salvação».⁸

A 14 de Dezembro de 1927, como resposta ao pedido de um número considerável, (*ingens numerus*), de Bispos missionários, declara Santa Teresa do Menino Jesus «Padroeira de todos os Missionários, em qualquer Missão que eles trabalhem».⁹

PIO XII (1939-1958)

Quando era ainda Secretário de Estado, o Cardeal Eugénio Pacelli, futuro Pio XII, presidiu, em Lisieux, à bênção da nova Basílica e proclamou:

«Teresa soube traçar um caminho, um ‘pequeno caminho’! A sua ciência das coisas divinas, em parte adquirida, em parte infusa, não a guardou só para ela. Ela disse: ‘A minha missão consiste em fazer amar

⁸ AAS 17 (1925) 211-213 - *Vie Thérésienne*, l.c., p. 310-311.

⁹ AAS 20 (1928) 147-148 - *Vie thérésienne*, l.c., p. 315.

o bom Deus como eu O amo, e oferecer às almas o meu pequeno caminho'. Aí está um dos aspectos mais extraordinários em que nos aparece esta fisionomia tão interessante: a jovem Carmelita, *a partir do interior do seu convento, dá uma lição ao nosso século*, tão orgulhoso da sua ciência. Ela tem uma missão, ela tem uma doutrina. Mas a sua doutrina, como toda a sua pessoa, é humilde e simples. Ela assenta nestas duas palavras: *Infância espiritual*, ou nestas outras duas equivalentes: *pequeno caminho* [...]. Uma jovem Carmelita, apenas chegada à idade adulta, *conquistou em meio século inumeráveis falanges de discípulos. Os doutores da lei voltam a ser crianças na sua escola. O Pastor supremo exaltou-a e reza-lhe numa humilde e assídua oração. Neste preciso momento, dum extremo ao outro do mundo, há milhares de almas cuja vida interior tem sofrido a influência benfazeja deste pequeno livro: A História de uma Alma*». ¹⁰

A 7 de Agosto de 1947, por ocasião do Congresso Nacional Teresiano para assinalar o quinquagésimo aniversário da morte de Teresa, Pio XII enviou uma carta a F. Picaud, Bispo de Bayeux e Lisieux. Desse precioso documento retiramos esta mensagem:

«O mundo actual alucinado por tantas causas, mas particularmente pelo orgulho das suas descobertas científicas, pela sua preocupação exclusiva com os bens terrenos e pelo conflito de interesses que daí resultam, precisava muito de ouvir esta mensagem de humildade, de elevação sobrenatural e de simplicidade [...]. O caminho da infância espiritual, *tal como ela o concebeu sob a inspiração do Espírito Santo*, conduz as almas aos actos mais difíceis e mais sublimes, como o oferecimento total de si mesmos para fecundar o apostolado dos missionários e trabalhar efectivamente pela conversão dos pecadores [...]. Este caminho de infância, se se compreende bem, recorda-nos a grande simplicidade da alma que vai a direito para Deus, com uma intenção muito pura [...]. Seguindo este caminho, a *fé* torna-se mais viva, mais profunda e saborosa, porque Deus compraz-se em iluminar aqueles que O escutam; a *esperança* torna-se cada vez mais confiante, ela encaminha-se com firmeza para a salvação..., a *caridade* leva-nos mais depressa a

¹⁰ *Vie thérésienne, l.c.*, p. 22. 23

amar a Deus de todo o nosso coração [...]. Esta mensagem é revelada em primeiro lugar aos pequeninos (cf. *Lc 10, 21*), que são assim convidados a *santificar-se pela fidelidade à graça do momento presente nas coisas mais comuns da vida e que, pela aceitação dos sacrifícios quotidianos, podem chegar à união permanente com Deus [...]*.¹¹

JOÃO XXIII (1958-1963)

Também para o papa Roncalli a Santa de Lisieux teve uma atracção e um significado singular. Foi a sua advogada em mais de uma das delicadas questões que teve de enfrentar durante a sua vida. A respeito de Santa Teresinha escreveu estas palavras: «Hei-de bendizer e exaltar sempre a Pequena Grande Santa que, verdadeiramente, o foi. Considero-a como a estrela propícia da minha missão em França. Fica bem no seu altar, na capela que lhe foi dedicada em Ankara, no centro da Turquia, onde me despedi do Oriente, depois de vinte anos do meu ministério apostólico. Todos os dias olhava para a sua imagem de mármore que estava na capela privada da Nunciatura. A minha oração eleva-se até ao seu espírito para lhe confiar as minhas dificuldades e os meus esforços no ministério da reconciliação e da paz, que é a minha missão ao serviço da Santa Igreja e de França».¹²

João XXIII gostava muito de falar da Grande Teresa de Ávila e da Pequena Teresa do Menino Jesus. Basta lembrar o paralelismo estabelecido entre as duas Santas, Mãe e Filha, por ocasião da Audiência Geral de 16 de Outubro de 1960:

«Grande foi Teresa de Ávila por haver afirmado duma maneira extraordinária o dinamismo de santificação que encerra o Cristianismo; grande foi Teresa de Lisieux por ter sabido, pela humildade, simplicidade e abnegação constante, cooperar na acção e no trabalho da graça para o bem de inumeráveis fiéis. A este propósito, querendo dar uma comparação adequada, o Santo Padre compraz-se em lembrar quantas vezes teve a possibilidade de olhar o porto de Constantinopla. Os grandiosos navios de carga chegavam lá, e contudo, devido à sua tonelagem, não podiam

¹¹ *Ibid.*, p. 326-327.

¹² Cf. *Diccionario de Santa Teresa de Lisieux*, Ed. Monte Carmelo, Burgos, 1997, p. 360.

aproximar-se do cais de embarque. Por isso, aos lados de cada um destes grandes navios, a fim de chegar ao cais, encontrava-se um pequeno barco cuja presença, à primeira vista, parecia supérflua mas, de facto, era tão preciosa porque permitia mudar as mercadorias dos grandes navios para o cais».¹³

É desta maneira que a doutrina de Teresa do Menino Jesus ajuda muito os fiéis a compreender a doutrina e a santidade da vida cristã como a exprime a grande Teresa de Ávila. Teresa realizou a sua missão dum modo discreto, mas quão precioso, para aproximar das almas as riquezas de Deus.

PAULO VI (1963-1978)

Duma entrevista que Jean Guitton, um dos grandes escritores do catolicismo francês, teve com o Papa Montini, chega-nos este testemunho em relação a Santa Teresinha: «Devem saber que eu fui baptizado em 1897, no dia em que Teresa Martin, mais tarde Santa Teresa do Menino Jesus, morria em França... Durante a sua peregrinação a Roma, Teresa conheceu alguns sacerdotes medíocres. Em vez de os criticar, decide colocar-se, não na periferia, mas no centro, no único amor. E vou ler-vos o que ela escreveu sobre isto na *História de uma Alma*. Naquele momento, o Papa abre as páginas da *História de uma Alma*, e lê a seguinte frase: «Compreendi que o Amor encerrava todas as vocações, que era tudo, que o Amor abrangia todas as épocas e todos os lugares. E exclamei: encontrei o meu lugar na Igreja. Eu serei o Amor». Paulo VI não leu este texto em francês, mas na sua tradução latina, escrita no seu breviário.

JOÃO PAULO I (†1978)

Sendo patriarca de Veneza escreveu uma série de artigos jornalísticos, recolhidos mais tarde em livro com o título de *Ilustríssimos Senhores*. Entre esses ilustríssimos personagens conta-se Teresa de Lisieux. Demonstrando grande simpatia e admiração por ela,

¹³ *Discorsi Messaggi Colloqui*, vol. II (1959-1960) 771-772.

escreveu esta missiva, em Junho de 1973, por ocasião do primeiro centenário do seu nascimento: «Querida pequena Teresa. Eu tinha 17 anos quando li a tua biografia. Fez-me o efeito dum trovão. Tu deste-lhe o título de *História primaveril duma florzinha branca*. A tua biografia pareceu-me a história de uma barra de aço que mostrava força de vontade pela valentia e decisão que revelava. Desde o momento em que escolheste o caminho da consagração total a Deus, nada te pode parar: nem a doença, nem as oposições do exterior, nem as turbulências, nem a escuridão interior».

JOÃO PAULO II

Teresa esteve também presente na vida do ilustre peregrino que é João Paulo II. Veio a Lisieux no dia 2 de Junho de 1980. Em 1992, falando especialmente de Teresa como padroeira das Missões, afirmou: «A santa padroeira das Missões é da vossa terra. Desde Lisieux, Teresa do Menino Jesus e da Santa Face fez resplandecer no mundo o seu ardor missionário. A sua doutrina espiritual, de luminosa simplicidade, continua a mexer com os fiéis de todas as condições sociais e culturais. É justo que lhe peçamos que ajude os católicos de França a seguir o caminho da santidade através da solidariedade com os seus irmãos da Europa, de África e de outras partes do mundo e a repartir a graça recebida de Cristo, nosso Salvador».

Foi João Paulo II que, no dia 19 de Outubro de 1997, a proclamou Doutora da Igreja. Durante a sua homilia, na Praça de S. Pedro, em Roma, afirmou entre outras coisas:

«Eu quis escolher este domingo missionário para proclamar Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face *Doutora da Igreja universal: uma mulher, uma jovem, uma contemplativa*. Hoje está a acontecer algo de surpreendente que não passa despercebido a ninguém. Santa Teresa de Lisieux não pôde frequentar uma Universidade, nem sequer os estudos sistemáticos. Morreu jovem. No entanto, a partir de hoje, será honrada como Doutora da Igreja, um reconhecimento qualificado que a eleva na consideração de toda a comunidade cristã muito além de quanto o possa fazer um título académico».

V - Os Escritores

GEORGES BERNANOS

«A mensagem que esta Santa oferece ao mundo é, sem dúvida, uma das mais misteriosas e mais urgentes que jamais recebeu. O mundo está a morrer porque perdeu o espírito da infância. E a prova é que, bem ao contrário deste espírito, os totalitarismos estão a preparar os seus canhões e os seus tanques».

GILBERT CESBRON

«Escrevi a peça de teatro, *Quebrar a Estátua*, em honra desses a quem a estátua, a reputação e a idolatria da «pequena Irmã Teresa» muito irritaria. Eu era um deles, até ao dia em que, começando finalmente a casa pelo telhado, decidi ler a sua autobiografia...».

PAUL CLAUDEL

«Santa Teresa do Menino Jesus teve a sua ‘conversão’ definitiva no mesmo dia que eu: no dia de Natal de 1886».

FRANÇOIS MAURIAC

«Se tu soubesses até que ponto Cristo é bom, como se revela aos pobres corações pecadores e decaídos! O amor existe, é a única realidade... Nunca é tarde para chegar a ser santos. Até o maior pecador, que atribuiu todos os seus crimes a Cristo, libertando-se deles, pode aspirar à pureza e à perfeição. A pequena Teresa do Menino Jesus, que eu tinha conhecido através de todas as imbecis deformações e todas as imagens com auréolas de rosas artificiais, mas a quem, por fim, descobri o verdadeiro rosto martirizado e a maravilhosa infância, dizia que ainda que tivesse cometido todos os pecados mortais do mundo, não teria menos confiança e amor...».

LUCIE DELARUE-MARDRUS

«Este livro é uma homenagem. É a homenagem apaixonada de uma incrédula à carmelita-fantasma, milagrosamente aparecida, com as suas rosas nas mãos, no meio duma época que desola e atemoriza os poetas.... Teresa Martin é minha conterrânea e, pouco mais ou menos, minha contemporânea. Não quero deixar passar ao lado a sua entrada luminosa na santidade sem a honrar à minha maneira. E, além disso, Teresa é, daqui para o futuro, propriedade pública. Nós queremos a nossa parte».

THOMAS MERTON

«Na ordem sobrenatural, a grande graça que recebi, nesse mês de Outubro, foi descobrir que Teresa de Lisieux é uma verdadeira santa e não uma pequena beata muda para velhas sentimentais. Não só é uma santa, mas uma grande santa, uma das maiores santas, uma santa extraordinária. Eu peço-lhe mil perdões e ofereço-lhe um desagravo público por a ter ignorado durante tanto tempo».

JULIEN GREEN

«Santa Teresa de Lisieux. Não pode ver nada mais vulgar que não lhe deita as mãos. Porém, ela fá-lo com donaire. ‘Mais vale viver pobre e junto de Deus do que sob artesoados doirados do mundo’ (estou a citar de memória, espero não me enganar). Como poderíamos sorrir? Teresa nunca se deu conta de que Cristo lhe tivesse falado, não teve o que se chama consolações, somente compreendia bem o Evangelho e a Imitação de Cristo, ‘mas ela tem o infinito no seu coração’».

CATHERINE RIHOIT

«Se se desconheceu tanto a ‘pequena Teresa’ é porque a compararam e opuseram à grande Teresa de Ávila. Isto foi um falhanço; não se compreendeu que Teresa de Lisieux tirou a sua força da sua fragilidade. Mesmo que esteja em completa contradição com o mundo de hoje que quer que uma pessoa seja o mais forte e o primeiro em tudo. Para mim, Teresa foi extraordinária. Ela dizia-me: eu tenho

direito a ser frágil e, tal como ela, eu podia tirar a minha força desta fragilidade sem problema algum... Eu amei o seu gosto pela vida, as suas gargalhadas e o seu humor».

MARIE-NOEL

«Esta pequena Teresa que nunca falou com ninguém e leva as multidões para Deus...! (1917)». «Desde há duzentos ou trezentos anos, França tinha sido adoutrinada somente por doutores severos que pregavam, ameaçavam, castigavam..., de modo que Teresa começou a voltar as costas a Deus como se fosse um velho professor pouco atraente. Começou a fazer «gazeta». Então, para a fazer voltar à «escola», Deus enviou-lhe uma jovem com um cestinho de rosas (...). Teresa, minha companheira do Paraíso...» (1936).

DIDIER DECOIN

«Para mim, Teresa é a verdadeira Santa da fé. Será a minha última amiga e o meu último sacerdote, a minha última paz, o meu guia, a minha última sorte de ter sentido calor entre os blocos de gelo, a minha última entrevista antes de apresentar-me diante de Deus».

VI - Os Intelectuais

PADRE PICHARD

Jeanne Bergson, com quem me encontrei muitas vezes antes da sua morte, afirmou-me que a mística preferida do seu pai (Henri BERGSON) não era a grande Teresa espanhola, mas Santa Teresa do Menino Jesus.

EMMANUEL MOUNIER

«Numa época em que o espírito do pequeno-burguês não pode deixar de aparecer como o antípoda mais triste da vida cristã, não seria

isto uma astúcia do Espírito Santo, um paradoxo da Misericórdia em ter escondido os mistérios da chama mais alta do amor sob as banais aparências?»

GUSTAVO THIBON

- Qual é a vossa santa preferida?
- Teresa de Lisieux.

JEAN GUITTON

«O que mais espanta em Teresa é a autoridade com que ensina o seu caminho, o seu “caminhito”, sendo embora tão jovem e tão pouco informada. É esta autoridade radical, apesar da sua inexperiência, que pode fazer pensar em Joana d’Arc. Teresa é uma criança sem infância e fora da infância».

JOHN C. H. WU (Intelectual chinês)

«Que valentia a desta jovem! Penso eu. Se se julga pelas suas palavras, inclusive um homem como eu, nunca deve desesperar.

Peço a Yuan se existe um livro mais explícito sobre Santa Teresa. Entregue-me a *História de uma Alma*, que li com avidez. Impressionou-me com tal força e profundidade que perguntei a mim mesmo: Se este livro expressa o catolicismo, não vejo nenhuma razão que me impeça de ser católico. Pois, eu encontrava nas suas páginas a síntese vivente entre extremos opostos como são a humildade e a audácia, a liberdade e a disciplina, a alegria e o sofrimento, o dever e o amor, a sabedoria e a loucura, a riqueza e a pobreza, a comunidade e o individualismo. Esta santa tinha algo parecido a Confúcio e o desprendimento filosófico de Lao Tze. Eis uma jovem religiosa falecida na prematura idade de 24 anos e como chegou a tanta perfeição! Qual seria o seu segredo? Poderia ter alcançado tal plenitude sem ter sido membro do Corpo Místico de Cristo?

Foi durante a leitura deste livro quando decidi converter-me ao catolicismo. A divina graça tinha tocado no meu coração».

VII - Artistas, Presos..., Homens da Política e do Desporto

SIMONE BERTEUT (irmã de Edith Piaf)

«Edith Piaf pouco depois do seu nascimento teve uma catarata. Ninguém se apercebia dela! Ficou cega durante quase três anos. A avó de Louise levou-a a Lisieux. A partir daí recuperou a vista. Para Edith Piaf foi um verdadeiro milagre. Foi sempre crente. Desde essa data, Edith tinha uma verdadeira devoção a Santa Teresa do Menino Jesus. Levava sempre consigo uma medalha dela, e tinha na sua mesinha de cabeceira uma imagem da Santa».

BRIGITTE FOSSEY

«Fiquei admirada com a visão que Santa Teresa tinha do mundo. Esta permanente atracção pelo Céu e, ao mesmo tempo, pela obediência, pela doacção total aos outros e por todas as provações para salvar as almas! Magnífico! É o sofrimento dos inocentes que faz os homens avançar».

FRANÇOIS VALÉRY

«Preferiria estar eu doente do que ver o sofrimento de todos aqueles entes queridos: a minha mãe, a Nicole, os nossos filhos, os nossos queridos amigos e conhecidos. Este é o meu lado crente. Herdei de minha mãe uma crença total para com Santa Teresa de Lisieux».

SERGE X

(Preso)

«Escrevo-te estas linhas, pois encontro-me na prisão e penso muito em ti. Não vai ser por muito tempo, pois isto não é grave. Não há muito tempo que te fui ver com a minha esposa e, logo que possa, irei

ver-te com o meu filho, que acaba de fazer quatro meses. Também trago ao pescoço a tua medalha e a do meu Jesus Cristo. Sairei da prisão no dia 24 de Março. Estou a fazer-te um desenho que, certamente, te agradará. Santa Teresa, digo-te adeus e mando-te um beijo muito forte, assim como o meu filho e esposa».

ANDRÉ LEVET

«Também sou um filho de Santa Teresinha. Um dia, durante uma visita às escolas e prisões com Jean François, o fundador de «Os Meninos da Luz», paramos no Carmelo de Lisieux, o da pequena Teresa. Entrando pela porta da capela, senti um forte cheiro a rosas. Perguntei aos outros: ‘Não notais como cheira tão bem?’ A nenhum deles cheirava nada. ‘Mas, estais constipados ou quê?’ Neste momento eu não sabia o que pensar. Então, Jean François disse-me: ‘Não te preocupes, é assim como Teresinha reconhece os seus filhos!’

No dia seguinte, dei-me conta de que a medalha que levava ao pescoço desde o dia da minha conversão, e que eu pensava ser uma medalha de Nossa Senhora, era a de Santa Teresa! A partir daí, Santa Teresinha acompanha-me para todos os lados, em todas as minhas orações.

Como Jacques Fesch, na véspera da sua execução, na prisão, há 28 anos: ‘Eu ponho a minha mão direita na da Virgem Santíssima e a esquerda na de Teresa para que me levem a Jesus’».

JACQUES FESC

27 anos, guilhotinado a 1 de Outubro de 1957.

«Jesus está ao meu lado. Ele chama-me constantemente, e eu não posso fazer outra coisa senão adorá-Lo em silêncio, desejando morrer de amor. Desejaria, como Teresinha do Menino Jesus, em cada bater do meu coração, renovar esta oferenda de ser ‘vítima de holocausto’ ao seu Amor Misericordioso. Espero na noite e na paz. Espero o amor! Dentro de cinco horas... verei a Jesus»!

MARC SANGNIER (15-09-1910, carta à Madre Inês)

«No preciso momento em que acabo de atravessar a terrível provação que se abate sobre mim, recebia, enviado não sei por quem, um bilhete dedicado à irmã Teresa do Menino Jesus. Apenas comecei a lê-lo, senti imediatamente uma grande e suave consolação, como se fosse uma paz interior; comecei a sentir-me muito pequeno e a abandonar-me à vontade de Deus, a exemplo da Irmã Teresa. Que ela possa, desde o Céu, fortalecer-nos e demonstrar-nos como Jesus está unido a nós».

CHARLES MAURRAS

1925 - Fundador do Movimento «L'Action française».

O seu regresso à Igreja católica foi encomendado à oração de uma carmelita de Lisieux e confiado a Santa Teresa do Menino Jesus. Este regresso e esta reconciliação tiveram lugar no fim da vida de Maurras que mantinha uma correspondência com o Carmelo de Lisieux.

«Devo-lhe muitíssimo (...). Santa Teresa foi o meu 'anjo da guarda'. Tenho uma relíquia dos seus ossos que sempre, sempre, está comigo. Foi-me dada pela Reverenda Madre Inês com quem me corripondi até à morte (...). Na *História de uma Alma* existem grandes tesouros de sabedoria».

ALAIN MIMOUN

Muçulmano, campeão olímpico de maratona, ex-campeão do mundo.

«Santa Teresa de Lisieux é a minha padroeira. As roseiras brancas que eu plantei no meu jardim, diante da sua estátua, florescem durante quase todo o ano».

VIII - E tantos outros...

PADRE JACQUES LOEW

Advogado, incrédulo, convertido ao catolicismo (1932). Dominicano, primeiro padre Operário, fundador da Missão Operária S. Pedro e S. Paulo e da Escola da Fé [Friburgo-Suíça].

Escreveu uma quinzena de livros célebres. Grande prémio católico de literatura. Foi marcado por Santa Teresa de Lisieux no momento da sua conversão e por toda a sua vida.

«A mulher que maior influência teve em mim, na ordem cronológica, foi Teresa do Menino Jesus. Na Cartuxa de Valsainte, no tempo da minha primeira estadia que foi tão importante para mim, Dom Jean-Baptiste deu-me, como quem não diz nada, dois conselhos: primeiro, ir ver os seus amigos Fumet, em Paris, pois desejava-o muito; segundo, ler um livro, se o encontrasse, escrito por uma «alma valente», que se chamava *História de uma Alma*. Por sorte, encontrava-se na biblioteca do sanatório. Penso que recebi algumas pétalas de rosa!»

JEAN LE COUR GRANDMAISON

Oficial da Marinha e deputado de Loire-Atlantic. Falecido na Abadia de Kergonan em 1974.

«Um dia em Haití, um camarada passava-me um livrito intitulado *História de uma Alma*. Abro-o distraído e começo a folhear as suas páginas, sem nenhum interesse. Parece-me que isto não está escrito para mim, e não me serve de nada. Chego assim ao episódio da cesta quando, convidada por Leónia a escolher algumas tiras de tecido, Teresa responde: ‘Eu escolho tudo’. Com a velocidade de um relâmpago, toda a minha alma se acendeu. Uma emoção desconhecida invade-me, submerge-me: ‘Alegria, choro de alegria’... Encontro-me transportado para outro mundo (...). Naquele instante, só me parecia que a ‘pequena Teresa’ (ainda não estava beatificada) estava ao meu lado e abria os

olhos da minha alma (...). Esta graça fulminante não é uma quimera, cuja influência continua a actuar na minha vida há já quarenta e oito anos...».

SOR MADALEINE DE JESUS

Fundadora das Irmãzinhas de Jesus, do Padre Foucauld.

«Nazaré. Esta manhã, na igreja católica grega, Santa Teresa foi honrada mais do que em qualquer outra igreja latina. O seu ícone foi levado em procissão à volta da igreja e colocado diante do altar. Todos a veneraram. Realmente, o seu culto é universal!».

D. L.

«Era por volta dos anos 60. Eu era estudante e participava nas reuniões dos grupos católicos. Várias vezes um capelão tinha-nos falado de Teresa de Lisieux; as jovens riam-se, os jovens perguntavam-se que papel ocupava a Santa na luta pela paz na Argélia e contra a tortura. Éramos todos demasiado responsáveis e conscientes para nos interessarmos pela jovem e boa Irmã. Chegou o histórico Maio de 1968 e os anos de intensa acção política que se seguiram. Eu cortei todos os laços com uma Igreja ineficaz e incapaz de abrir um futuro para o homem – 1975 –. Não havia ganho nada em eficácia e tinha perdido toda a esperança de poder mudar alguma coisa neste mundo demasiado violento e cansado. Em casa da minha noiva, encontrei a autobiografia de Teresa Martin. Foi uma revolução! A extraordinária descoberta do Evangelho lido pela voz exigente de uma criança. Senti-me atordoado, como se me tivesse cansado durante uma semana. Procurei rezar como o pobre que eu era neste campo. Mas, encontrei a Deus, a esperança na acção quando é animada pelo Amor.

A minha vida tinha-se transformado».



A inconfundível Teresa do Menino Jesus e da Santa Face:
fotografia que a sua irmã Celina tirou no dia 7 de Junho de 1897.



Ícone libanês que as Carmelitas Descalças de Harissa elaboraram no dia 17 de Julho de 1997, como motivo do Doutoramento de Teresinha: Teresa encontra-se num areópago com os doutores da Igreja do Oriente e do Ocidente (dos quais facilmente reconhecemos Santa Teresa de Ávila, S. João da Cruz, Santa Catarina de Sena e Santo António de Lisboa) mostrando uma folha (possivelmente a *História de uma Alma*, que é um best-seller mundial). Um ícone muito rico em conteúdo.

